



Kuxixo de Santo

Candomblé como Tradição
Civilizatória

Angelo Imbiriba
Tata Kafunlumizo

**KUXIXO DE SANTO
CANDOMBLÉ COMO TRADIÇÃO CIVILIZATÓRIA**

**TATA KAFUNLUMIZO
ANGELO IMBIRIBA**

**2018
BELÉM-PARÁ**

**KUXIXO DE SANTO
CANDOMBLÉ COMO TRADIÇÃO CIVILIZATÓRIA**

**ANGELO IMBIRIBA
TATA KAFUNLUMIZO**

**INSTITUTO NANGETU
BELÉM
2018**

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-69458-01-2



Autor

Angelo Imbiriba, Tata Kafunlumizo, de Kafunge - PA

Prefácio

Jayro Pereira de Jesus, Omo Orisá Ògìyán – RJ

Revisão Técnica Sacerdotal

Afonso Wargas, Tatetu ria Nkisi Otawogelesi, de Nkosi RJ

Revisão Técnica e Ilustrações

Isabela do Lago

Orientação Textual

Antonio Zacarias, Doté de Oxossi RJ

Oneide Rodrigues, Mametu ria Nkisi Nangetu, de Nzumba PA

Evandro Wargas, Tatetu ria Nkisi Monzuko, de Vunji RJ

Marilu Campelo de Yemanjá, Egbomi PA

Revisão de Texto

Vitor Gonçalves, Tata Kisaba Kalepensi, de Teleku Mpensu PA

Edgard Vasconcelos, Tatetu Odéoromi de Logun Edé PA

Ogan de Xango, Ciro Almeida, PA

Lorena Alves PA

Dedico esta obra ao meu saudoso Pai Angelo D`oxá e à
minha Mãe Avó Ekedji Marta de Nanã.

Modernizar o passado é uma evolução musical
Cadê as notas que estavam aqui? Não preciso delas!
Basta deixar tudo soando bem aos ouvidos
O medo da origem é o mal
O homem coletivo sente a necessidade de lutar
O orgulho, a arrogância, a glória
Enche a imaginação de domínio
São demônios, os que destroem o poder bravo da
humanidade
Viva Zapata!
Viva Sandino!
Viva Zumbi!
Antônio Conselheiro!
Todos os Panteras Negras!
Lampião, sua imagem e semelhança
Eu tenho certeza, eles também cantaram um dia.
Monólogo ao pé do ouvido
(Chico Science)

Prefácio

No processo da minha peregrinação pelo Brasil afora abordando questões concernentes ao racismo cultural religioso que grassa no país e se abate contra as comunidades terreiros e @s vivenciador@s da Tradição de Matriz Africana e Afro-Brasileira, encontrei muit@s fiéis das mais diversas faixas etárias. Encontrei mulheres sobremaneira como sacerdotisas, mulheres em geral, homens, crianças e jovens aos quais me dirigia mediante uma metodologia e pedagogia engendradora.

De 1988 a 2014 percorri quase todo o Brasil. Na minha primeira viagem a Belém (PA), deparei-me com um jovem preto numa comunidade-terreiro, muito comunicativo e articulado teórica e politicamente, me chamando a atenção, pois, enxerguei na sua interlocução um teor de afroperspectividade, como nos ensina Renato Nogueira (2016).

O jovem preto que passei a admirar e a estabelecer relações bioancestrálicas e, por conseguinte, intersubjetiva, possui a **digina** (nome em bantu) de Tata Kafunlumizo, podendo ser chamado também por Agnelo Imbiriba, esse afroativista incumbiu-se de uma tarefa que sem sombras de dúvidas passei a estimular, encorajar e a de certa forma problematizar, que foi a dissertação de uma praxis civilizatória de matriz bantu que em face do racismo colonial foi deportada para as Américas e em particular para o Brasil.

Aqui na diáspora afro-brasileira, se resignificou, mediante a memória e a comportamentalidade da população “jovem” desterritorializada e desenraizada das Terras do continente africano, sobretudo, abaixo do Saara. Todas e todos sequestrad@s atravessaram o atlântico em meio a um processo básico/inicial de cosmologização, e/ou dos ritos de passagens como condição Existencial, de Ser, Ver e Estar na Mundo, na dinâmica cosmológica negro-africana.

O Tata Kafunlumizo, se inscreve como um próspero escritor, de cuja narrativa se explicita pelo que Muniz Sodré (2017), classifica de *endoperspectiva*¹, expressão

¹ SODRÉ, Muniz. Pensar nagô. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 26.

e correlação com a ideia de *afroperspectiva* do filósofo igualmente preto Renato Nogueira.

Explicitando teórica e metodologicamente a expressão *endoperspectiva*, Muniz Sodré vai dizer que se trata de quem pensa, elabora, ou constrói suas narrativas desde dentro, em contraposição às ciências sociais eurocêntricas que pensa, elabora e narra suas escritas desde fora e de acordo com os ditames da colonialidade do saber, ser e fazer.

O ensaio do autor Tata Kafunlumizo com esta publicação intitulada **Kuxixo de Santo: Candomblé como Tradição Civilizatória** inicia um novo processo que se coloca como divisor de águas na geografia literária do que até agora se disse “desde dentro”.

O trabalho do Tata, por se tratar de um afroativista, um preto de pertencimento civilizatório ancestral deve ser compulsoriamente lido com bastante atenção, questionamentos ou incessantes perguntas e levantamentos, a exemplo da hermenêutica da suspeita. É apenas o começo de uma jornada que vai demandar estudos mais aprofundados, revisões e aprimoramentos. O autor tem toda uma vida, tem ainda toda uma estrada e caminhos a ser seguido e explorado.

Vale apenas ler a publicação e ir nos consubstanciando do ideário filosófico africano do “ser de comunicação” como nos assegura Filomeno Lopes, um filósofo da Guiné Bissau. O autor citado por Bono diz que “o Muntu deve ser contextualizado na sociedade onde participa na construção de um nós-juntos (a sociedade tradicional) que se espelha no agir comunicativo do Muntu no seio da modernidade”².

Jayro Pereira de Jesus – Ògiyán Kàlàfó –
Membro da Aldeia Ubuntu: Comunidades Civilizatória de Pertencimento Ancestrálico de Matriz Africana e Afrodiaspórica; Teólogo de formação, afroteólogo da Visão de Mundo Africana, da Tradição de Matriz Africana e Afrodiaspórica, Fellow da Ashoka.

Aldeia Ubuntu, Amado Bahia, Mata de São João (BA) 14 de janeiro de 2019.

² BONO, Ezio Lorenzo. Muntuísmo: A ideia de ‘pessoa’ na filosofia africana contemporânea. 2.ed. Angola / Mocambique: Paulinas, 2015, p. 106.

Minha história, contada por mim.

Me chamo Angelo Luiz Barbosa Imbiriba, nascido em 1987 em Macapá no Estado do Amapá, sou negro e pertencço as tradições afrobrasileiras desde que cheguei da maternidade, quando fui apontado para o cargo de Sacrificador, Tata Kivonda pela divindade da Caça Mutakalombo de meu tio carnal Tatetu Angelo Savio Falodê (também conhecido como Tata D`oxá, em memória) – cresci então nesse universo, adquiri vivências com meus pais e avó paterna Ekedí Marta de Nanã desde criança.

Meu Pai, Angelo D`oxá fora iniciado no Rio de Janeiro por Anita de Nkosi em 09 de junho do ano de 1969, quando teve o primeiro contato com terreiro após desenganado por médicos de Macapá - AP, Belém - PA e Rio de Janeiro - RJ devido a problemas de saúde – Assim, através de uma indicação entre colegas de trabalho, minha avó paterna Sra. Marta de Lima, procurou ajuda espiritual. Dessa forma, Tata Angelo foi iniciado para o Nkisi Mutakalombo com a Dijina de **Falodê**, e tinha uma particularidade com o Nkisi Kasulemba que também se manifestava. Além de outras energias como Vovó Conga, Vovó Baiana, Pai Joaquim, Caboclo Sucurí, Marujo Peixinho do Mar, Boiadeiro Zé Ceará, Tranca Rua das 7 Encruzilhadas, João Caveira e raramente Maria Padilha, recebia um Erê chamado de “Lôlo” e outro raramente se manifestava com o nome de “Nuvenzinha”.

Minha avó paterna, Dona Marta, anos depois da iniciação de meu pai, fora suspensa como Ekedí na casa de um Sr. Chamado Carlinhos de **Xango**, do candomblé de Ketu, no bairro de Coelho Neto – RJ, mas não chegou a ser iniciada.

Com 11 anos de idade eu mudei para Belém do Pará, onde passei a morar no terreiro de meu Tatetu junto com ele e minha avó paterna. Daí então os estudos, os ensinamentos sobre Candomblé de Angola passaram a se intensificar diariamente, em mesas de jantar e almoço adquiria conhecimentos, principalmente nos dias de segunda feira. Devido a intolerância religiosa que sofria por parte de alguns familiares, meu tio achou prudente iniciar-me somente com 18 anos, quando completasse a maioridade e assim o fiz.

Em janeiro de 2006 recolhi, tive minha primeira iniciação e fui agraciado em 11 de fevereiro, dia em que me reencontrei com África através das mãos de Tatetu Kasulemba de meu Pai Falodê do qual gritou à comunidade o meu nome de santo – a Dijina: **Kafunlumizo!** Do qual passei a ser chamado e conhecido nos terreiros da região de “Angelozinho Kafunlumizo”. Meu Pai pequeno se chama Antônio Zacarias Bezerra de Oxossi, iniciado em junho de 1959 no Candomblé de Angola e posteriormente passou a cumprir suas obrigações com Sr. Djalma de Lalú (em memória) do Candomblé de Jeje Mahi também no Rio de Janeiro, minha mãe pequena é Ekedji Nelma de Oxun, iniciada em Belém, por Tatetu Jorlando Kiagunsu, do Candomblé de Angola Bate Folha, filho de Mametu Samba Dia Amungo (em memória).

Outro personagem principal de minha trajetória espiritual, como “Pai Ogan” foi também Tata Kinamboji, Arthur Leandro (em memória) – iniciado para o cargo de tocador de atabaque (Tata Kisikaringomba), pela Nkisi Nzumba de Mãe Oneide Rodrigues - Mametu Nangetu, esta também é filha de Jorlando Kiagunsu.

Além de minha formação como músico, percussionista de terreiro. Sim, tocador de atabaque também é músico. De ritmos tradicionais populares, aprendizado através de minhas vivências em terreiros. Sou graduado em Administração de Empresa pela Estácio FAP - PA (2013), em 2015 me especializei em Política de Promoção da igualdade racial na Escola pela UFPA e no momento licenciando em Geografia (FIBRA-PA).

No dia 09 de fevereiro de 2008 presenciei um dos eventos mais marcantes na minha vida que foi a passagem, a morte física de meu Pai D`oxá. Após 18 meses passei a cumprir minhas obrigações no Candomblé de Jeje com Zacarias de **Oxossi**, minha mãe pequena Ekedji Nelma e Tata Arthur Kinamboji.

Angelo Imbiriba
Tata Kafunlumizo,
Belém, 17 de maio do ano 2018.

Agradecimentos

Agradeço ao meu Nkisi por proporcionar saúde física, ancestral e mental por me dar força para refletir, pesquisar e concluir ideias junto aos mais velhos sobre o Candomblé.

Ao meu Zelador Zacarias de Oxossi por ter nunca me ter negado saberes de nossas tradições.

Ao meu estimado irmão mais velho Tatetu Otawogeleoci, Afonso Wargas de Nkosi por ter revisado o trabalho e esclarecido diversas construções sobre o conteúdo litúrgico, sacerdotal e estrutural do livro.

Ao Tata Kalepensi, Vitor Gonçalves de Teleku Mpensu por apoiar o projeto desde a ideia inicial, fase embrionária até última página escrita.

Ogan Cyro Almeida, Tatetu Edgard Odeoromi de Logun Edé, Glauce Santos, Tatetu Monzuko Evandro Wargas de Nvunji, Lorena Alves pela paciência e sapiência de ler e revisar o texto.

A equipe gráfica Lucivaldo Sena e Isabela do Lago por terem acreditado na ideia e desenvolvido o excelente projeto gráfico.

Obrigado também Tatetu Kiretaua Marcos de Nkosi e Tata Glauber Muzabudi Willians de Nkosi pelas orientações cosmológicas e sociológicas sobre os povos Bantu via Brasil-África.

Ao Babalawo Valnei Ifawomon Viana e Júlio Adéyela com quem tive tantas conversas, esclarecimentos sobre a cultura Africana Yorubá.

A Mametu Nangetu e ao instituto por proporcionar o registro e estimular este projeto em área de literatura afrocentrada.

Ao Mestre Wanderson Flor do Nascimento, Nkosi Nambá que me honrou com compartilhamento de artigos e livros que serviram de base para escrita deste projeto.

Agradeço também a Jayro de Jesus de Ògiyán pelo prefácio, e por me acender uma centelha de filosofia afrocentrada. O livro é resultado de várias indagações feitas por ele a mim.

E a todos aqueles que participaram direta e indiretamente do projeto.

SUMÁRIO

Apresentação

Um Propósito

1 Pressupostos históricos sobre as tradições Afrobrasileiras.

2 Valores civilizatórios Africanos nos Terreiros

- Territorialidade - Sementes que Geram raízes.
- Pluridiversidade – Entre Reinos e Grandezas, o respeito as diferenças.
- Circularidade
- Hierarquia e Coletividade
- Oralidade
- Corporeidade e Musicalidade
- Nguzu – Vitalidade

3 O círculo do conhecimento Ancestral Afrobrasileiro

Conhecimentos Normativos - ética de terreiro.

- Sobre cumprimentar
- Sobre comer
- Sobre vestir

Saberes técnicos e metodológicos - trabalho tradicional como meio de vida e morte.

- Cinco horas da manhã – ida a Mata.

Saber Civilizatório Ancestral: A nossa relação com os mundos.

- Candomblé Através de um sistema de Crença: os mortos e suas manifestações.
- Entidades Afrobrasileiras: Nkisi Multifacetado.
- A morte e seus rituais.
- Sr. Tempo: Nzala Tempo!

4 Cobrindo a Ngoma

Anexo Artigo Póstumo, Por **Tata D`oxá (em memória): O QUE É ORALIDADE.**

Apresentação

Se queres saber quem sou se queres que te ensine o que sei, deixa um pouco de ser o que tu és e esquece o que sabes.

TIENO BOKAR ³

Sempre costumo dizer aos neófitos para que antes de entrar no terreiro devem-se tirar os calçados, suas joias, seus diplomas e suas patentes. Assim reitero neste trabalho, para que possamos empreender um modo de pensar do Candomblé sobre outra perspectiva, sem estereótipos e preconceitos a partir de um determinado universo.

“Kuxixo de Santo” era o que meu Tata D`oxá utilizava para descrever conhecimentos de terreiros; fundamento sobre Nkisi repassados pela oralidade – através de conversas sussurradas ao pé de ouvido. O *kuxixo de santo* vinha na beira do fogo cozinhando um milho, ao lado de um assentamento (*kunda*) quando preparávamos uma limpeza, ou na hora de deitar o *muzenza* na *dixisa* (*esteira de palha*). Esses e outras centenas de atos que nos aproximam, são acompanhados de conhecimentos e ideias ensinadas falando com a voz em volume baixo, com gestos e exemplos. São palavras que só entende quem vivencia, de longe, para quem ouve algo não passam de sussurros. A meu ver, é nessas horas que o nosso povo sobrevive, existe e resiste, por isso e devemos multiplicar e prospectar isso a cada minuto de nossas vidas – ensinar e aprender. Perpetuar uma civilização é respeitar esse ciclo através da cultura, do falar, pensar e expressar.

Um grande objetivo desse trabalho é mostrar um caminho para o que eu considero a maestria no Candomblé, pois com o passar dos anos eu percebi que um grande Mestre ou um "mais velho" não nasceu pronto. Ele é fruto de todo um acervo tradicional e que um dia já sentou ou se prontifica para aprender, ouvir e praticar. Se entrarmos em casas de candomblé iremos encontrar leigos não iniciados, leigos com mais de 20 anos de iniciação, mestres com 6 ou com 50 anos de iniciado, em algum

³ Citado por Hampaté Bâ (1980, p.167).

momento da trajetória de alguns desses irmãos, eles sofreram desvios de pertencimento tradicional africano. Muitos acham que ser de candomblé é apenas vestir-se de branco e pôr fio de conta no pescoço. Outros acham que se trata de manipular ingredientes mágicos e se especializam em dezenas de oferendas para as divindades, e poucos outros alcançam o que eu chamo de uma **Realização Afrobrasileira ou Afrodiaspórica** - são mestres, pessoas impregnadas de **Ngunzu**; de força vital que vivem nesse mundo para ensinar, saber e existir de maneira mais afrocentrada possível, se auto afirmando como membros de terreiro na sociedade. Senhores e Senhoras que se vestem de branco, sabem ofertar o ingrediente na hora certa e os detalhes das preparações de cada entidade. São seres que sabem onde tudo se (re) inicia, continua e *termina*. É o que dizemos em rodas de terreiro: “*a senhora sabe onde as cobras moram*”. Esses mestres e mestras entram na corte do Candomblé pois se afirmam na política, nas artes, na academia, no direito, no meio ambiente, na economia, etc. Deixam seu legado através de seus filhos e plantam saberes, contribuem para longevidade de uma tradição, levando seus pensamentos afrocentrados para o mundo afora - Com esse livro pretendo dar um caminho, complexando sempre, para os mais novos se tornarem Mestres.

Um diferencial desse projeto é a organização tecida sobre os saberes perpassados nas relações de terreiro. Abordando-os sobre três perspectivas: **Conhecimentos Normativos - ética de terreiro, Saberes técnicos e metodológicos - trabalho tradicional como meio de vida e morte e Saber Civilizatório Ancestral: A nossa relação com os mundos**. A ideia aqui não é ranquear e sim promove-los de igual importância para o desenvolvimento da tradição.

Um Salve aos meus Mestres e Minhas mestras Tata Angelo D`oxá, Zacarias de **Oxossi**, Ekeidi Marta de Nanã, Ekeidi Nelma de Oxun, Mama **Nanjetu**, Carlinhos de Oxun, Tata Jorlando Kiagunsu, Mãe Mirteia de Ogun, Ya Stella de **Oxossi**, Mãe Anita de Nkosi, Mãe Beata de Yemanjá, Arthur Kinamboji, Jayro de Jesus, Joãozinho da Gomeia, Mãe Menininha, entre outros. **benção** aos mais velhos, mais novos, Sr. Tempo, Sr. Kafunge, Sr. Mutakalombo, Dona Iansan, Sra. Kukuetu, Sr. Gbesen, Sr. Luango, Sra. Nanã, Sr. Kasulembá minha navalha.

Um Propósito

Precisamos nos (re)iniciar
existencialmente, politicamente e
juridicamente enquanto Negros e de
Terreiro...

Jayro Pereira de Ògiyán.

Precisamos, como candomblecistas, rever nossa própria postura perante a sociedade e ao nosso próprio povo, há muitas lacunas a serem redescobertas para nos reencontrarmos enquanto africanos.

Através de estudos, pesquisas, inquietações existenciais, aprendizado com os mais velhos e ensinamentos aos mais novos. A nossa juventude é o reinício de tudo – os jovens de terreiro em fase de construção da personalidade e os já adultos, porém iniciantes na tradição – são os nossos amanhã. A melhor maneira de garantir um futuro, é planejando o que queremos ser, junto aos mais novos. De forma coletiva, consciente por meio de várias ferramentas – (nos) preparando-os politicamente, juridicamente, cientificamente e principalmente tradicionalmente por meio da oralidade, escritas (livros e apostilas) e diversas vivências durante os rituais. Devemos combater esse silêncio litúrgico como sinônimo de negação de saber que aliena muitos filhos de terreiro e promover a alegria da musicalidade pelo canto, toque e dança e o melhor, nos articular em volta de tudo isso.

Há muito tempo lendo sobre civilizações na América encontrei respostas explícitas sobre questões que claramente caracterizavam e afirmavam tais povos – o que diferenciava um de outro. E passei a afrocentrar minhas próximas indagações - Se os povos Incas, Maias e Astecas e ainda vários outros africanos como os etíopes, edôs, haussás, ashantis, ibôs, malgaxes, pigmeus, etc. tinham respostas para várias questões sobre a humanidade ou o universo, por que o Candomblé nunca havia me dito? Consultei mais de 40 líderes de terreiros e nações do Ketu, Angola e Jeje de vários Estados brasileiros. E não tive respostas satisfatórias aos meus anseios, com isso, encontrei essa lacuna civilizatória. Foi quando percebi que o racismo foi, e ainda

é além da cor da pele. Não é um simples ato isolado de discriminar, excluir e submeter alguém pela melanina - vai além de “*casos isolados do dia*”.

Quando um terreiro é atacado ou invadido por autoridades do Estado, como policiais, ou quando evangélicos riscam nossos muros com palavras teocráticas; ou quando alguém assedia outra pessoa pelo estilo de cabelo ou turbante, ou apedreja outro cidadão por que está paramentada com vestes de terreiro; ou simplesmente quando um sujeito é proibido de ir e vir em determinado local por causa da cor da pele - não são atos isolados e o povo negro e de terreiro precisa compreender que racismo é uma questão ideológica, civilizatória urgente nos terreiros. Percebi então que diversas questões existenciais africanas foram apagadas ou abduzidas de nosso dia a dia, ou melhor de nossas relações - herança colonialista. E me fiz uma série de questionamentos sobre o que as tradições de origem africana no Brasil pensam sobre: Meio Ambiente, eclipse, Estrela cadente, Reencarnação, Suicídio, Homossexualidade, Transexualidade, Punição, Ética, Moral, Inferno, Maternidade, Paternidade, Riqueza, Felicidade, Estética, Conhecimento x alienação, Mentira, Racismo, Aborto, etc.

Estes questionamentos e outros vão além de procedimentos adotados em terreiros. Foi quando percebi que podia *diferenciar níveis interdependentes de conhecimentos ancestrais*. As respostas para essas perguntas não são apenas frases soltas ou prontas que partem de uma receita mágica, como muitos pensam, se referir a sacudimentos e oferendas que acabam por nos reduzir a um minimalismo - Candomblé é mais do que isso. Trata-se sim de um modelo civilizatório autêntico que por séculos foi privado de se afirmar no mundo. Por uma lógica afrocentrada, com saberes que incluem desde o pensar, o falar, se portar, o vestir, o comer, o cantar, o dançar e o divinizar os mortos, os vivos e toda natureza. Refere-se de como africano e seus descendentes aqui no Brasil, se relacionam com o mundo para qual ele vive. Se humanidade seguisse nosso pensamento, afrocentrado, ele estaria de qual forma? É possível sim, imaginar um modelo econômico em simbiose com a natureza; um pensar político, social, filosófico e espiritual.

Para o africano, a ancestralidade é modo de vida na mesma natureza, não há escolha, pois é compulsória – assim como o corpo que temos e a mãe que nos gerou. Quando se concebe a vida já é submetido por ritos que envolve desde experiências corporais

e ideológicas pois antes mesmo de nascer até Nkisi já nos identificam. Nascemos e crescemos compreendendo uma determinada visão de mundo. Logo não há possibilidade dessa tal “perda de fé”; crença ou religiosidade pois isso é contrário ao contexto de memória e coletividade. A ideia de antepassados, ancestrais e visão de mundo estão interligados, retroalimentados. Não existe “*ex-feito*”, uma vez iniciado (enquanto processo) no candomblé para sempre será, vivo ou morto, por exemplo.

Assim a nossa tradição é dotada de saberes. Não importa o que faça, em qualquer ato de caráter litúrgico ou social é subalterno à ancestralidade, e deve-se haver um motivo e conhece-lo; um fundamento; um embasamento; um alicerce; um firmamento, etc. Logo, não adianta ter somente crença de que algo vai dar certo pois esta permite o “*tudo pode*”. Mas sim é preciso conhecer e saber a origem do que se faz, que envolve do acender vela, do vestir, do cantar, do tocar até um conjunto complexo como a iniciação.

Dessa forma, depois de tantas indagações sem respostas iniciei esse projeto de vida; de investigar essas lacunas civilizatórias e compartilhar o conhecimento que tenho adquirido com o máximo de devotos possíveis, principalmente com os novos iniciados que (re) nascem todo dia no Brasil afora, foi uma das maneiras que encontrei de perpetuar conhecimentos que recebi nos meus últimos trinta anos, desde que entrei em um terreiro. Minha ideia maior é de que realizarei meu sonho de um dia ver os meus netos e bisnetos compartilharem das experiências vividas por mim hoje. E para isso preciso dispor de todo o aprendizado através da oralidade, e por este livro que pretendo ainda poder desdobrar em futuras edições para o meu povo.

O propósito deste projeto é dar um norteamento civilizatório sobre terreiros de candomblé que envolvem o ancestral e as nossas relações com o mundo. Nós descendentes, desde o fim da escravidão, vivemos em uma espécie de deriva ou vazio existencial, cobrindo lacunas com outros pensamentos surgindo cultos Afrocatólicos, por exemplo. Nosso povo é sabedor de liturgia e de procedimentos para rituais diversos – mas ainda vejo muitos não saberem o porquê das “coisas”, questões básicas e pertinentes ao nosso pensamento. Fruto e consequência do regime colonialista escravocrata responsável pelo arrastão ideológico nos povos africanos e diaspóricos.

Acredito que no fundo o colonialismo e sua maior arma: o racismo, cometeram um crime com ocultação de cadáver. Contra a humanidade, contra um continente e um povo. E nós aqui no século 21 não buscamos o assassino e sim reencontrar o corpo. Vivemos à deriva, naufragados em um lugar que teimam chamar de novo mundo...

Capítulo 1 – Pressupostos históricos sobre as Tradições Afrobrasileiras.

Há aproximadamente 577 anos se inicia um grande movimento histórico, cultural de migração forçada, o sequestro de milhões de negros africanos para outros continentes, e esse movimento é conhecido por diáspora escrava ou africana. Estima-se que para o Brasil vieram cerca de quatro milhões de pessoas que sofreram uma grande violência física, um arrastão ideológico e civilizatório por séculos e gerações – É necessário compreender esse movimento para leitura de qualquer literatura sobre tradições dentro e fora da África. Segundo Nei Lopes (1988 p. 135) foi a partir de 1442 que foram feitas as primeiras capturas de negros na atual Mauritânia, mas em 1550 que desembarcaram os primeiros escravizados destinados ao trabalho nos engenhos de cana de açúcar do Nordeste brasileiro.

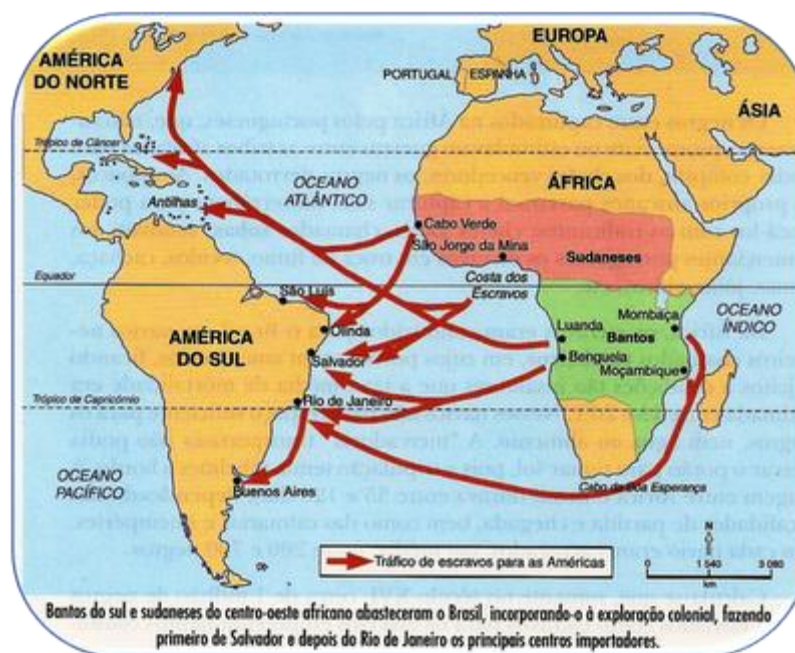


Figura 1 Rota dos escravos África – Brasil. ⁴

⁴ Ver link, fonte da imagem, acesso em 28.05.2018. <http://act14-anjoivida.blogspot.com/2016/03/com-quantos-escravos-se-constroi-um-pais.html>

O Maranhão, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro eram os estados que recebiam os africanos escravizados, vindo de Cabo Verde, São Jorge da Mina – povos Sudaneses. E de Luanda, Benguela, Moçambique e Mombaça – povos Bantos.

Pierre Verger⁵ (1987, p. 09) traça uma linha do tempo sobre o movimento migratório forçado, do Africanos através da escravidão, com localidade de origem dos escravos na Bahia:

Primeiro Ciclo – Ciclo da Guiné durante a segunda metade do século XVI;

Segundo Ciclo – o ciclo de Angola e do Congo no século XVII;

Terceiro Ciclo – O ciclo da Costa da Mina durante os três primeiros quartos do século XVIII;

Quarto ciclo – o ciclo da baía de Benin entre 1770 e 1850, estando incluído aí o período clandestino.

Porto	Etnia, Reinos	Reino/Região
Cabinda	Tios (Tekes); Margens do Rio Zaire; Gabão	Congo/Gabão
Angola	Lunda-Tchokue, Ambaca Quissamas, Libolos, Milua (Lunda)	Angola/Benguela
Benguela	Mbunda, Mbwila e Lozi, Guanguelas, Luimbes, Luchazes, Mbwaelas.	Benguela
Luanda	Mbunda, Mbwila e lozi.	
Moçambique	Macuas, Lagos, Iaôs (interior de Moçambique), Ngunis (Sul de Moçambique); Senas (Vale do Baixo Zambeze).	Moçambique/Inhambanne

Quando 1. Principais Etnias e Áreas atingidas pelo Tráfico.⁶

A língua é também um viés cultural e civilizatório à ser levado em consideração. Essa Diversidade linguística (a ter como matrizes o Kimbundo, Kikongo e Ovimbundo), enquanto África bantu, é uma complexa dinâmica perspectiva que deve ser

⁵ Pierre Fatumbi Verger (1902-1996) foi Sacerdote **Babalawo**, **fotografo** etnólogo, antropólogo e pesquisador francês.

⁶ Fonte: Livro “À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro” de 2007 Pereira, Júlio César Medeiros da Silva

compreendida como aspecto ou pressuposto histórico para compreender a diáspora africana e influência desses povos aqui no Brasil, principalmente nos terreiros de Candomblé.

os exemplos de kikongo e do quimbundo, as línguas faladas por grande parte destes escravos, como tão similares entre si quanto o português e o espanhol. E por mais que estes grupos se subdividissem monjolos, angicos e malembos, também podiam quimbundo ou kikongo. De fato, um africano que, por sua vez seria mbundo, falante de idioma quimbundo, transportado em libambos para o Congo, poderia, em questão de alguns dias, aprender o kikongo enquanto aguardava nos barracões, à espera de ser vendido. (PEREIRA 2007, p. 158)

Em muitos lugares na África, a língua é estratégia de dominação e exclusão. Logo, os colonizadores tornaram normativos o seu idioma de origem como o português, inglês e espanhol. E **proibiram** a comunicação entre africanos e suas línguas originárias. De tal maneira, acredito ser proposital, muitas palavras que o português brasileiro herdou de idiomas africanos foram ressignificados ou mal conotados como exemplo o termo *cafofo*, que segundo alguns dicionários de português quer dizer: *local onde se colocavam os escravos que deveriam ser vendidos. Terreno pantanoso que, por possuir matéria orgânica em putrefação, exala mau cheiro.* Porém no quimbundo **Kafofo** diz respeito *Lugar pouco conhecido; esconderijo; pequeno e aconchegante.*

Essa dinâmica de línguas e suas conotações ou ressignificações aqui na diáspora devem ser levadas em consideração pois foram alvos também de estratégias do sistema colonialista. Língua também é patrimônio, é o primeiro montante de riqueza que recebemos via oralidade desde o nascer. Para praticar e compreender os processos no Candomblé, é critério entender o idioma nativo de cada nação ou tradição, para saber falar, entender, cantar e rezar – praticar o Ngunzu; o humbê. Assim, sugere-se que cada terreiro o sacerdote tenha em mãos dicionários Kimbundo, Kikongo e Ovimbundo. Após a África, os únicos lugares que se praticam esses dialetos são nos terreiros, portanto somos referências em patrimônios linguísticos, afinal somos Bantófonos também.

O **colonialismo** foi o **sistema** que financiou o regime escravocrata por séculos, com a invasão e exploração sistêmica de terras na África e na América por meio de mão

de obra escrava africana e indígena para extração de bens naturais e fornecimento de mão de obra – economia colonial e imperial. Aimé Césaire (1978) me confirma sobre esse movimento político, que ocorreu no continente Africano, Asiático e nas Américas.

A esta ideia: que ninguém coloniza inocentemente, nem coloniza impunemente; que uma nação que coloniza, que uma civilização que justifica a colonização – portanto, a força – é já uma civilização doente, uma civilização moralmente ferida que, irresistivelmente, de consequência em consequência, de negação em negação, chama o seu Hitler, isto é, o seu castigo. (CÉSAIRE 1978, p. 21)

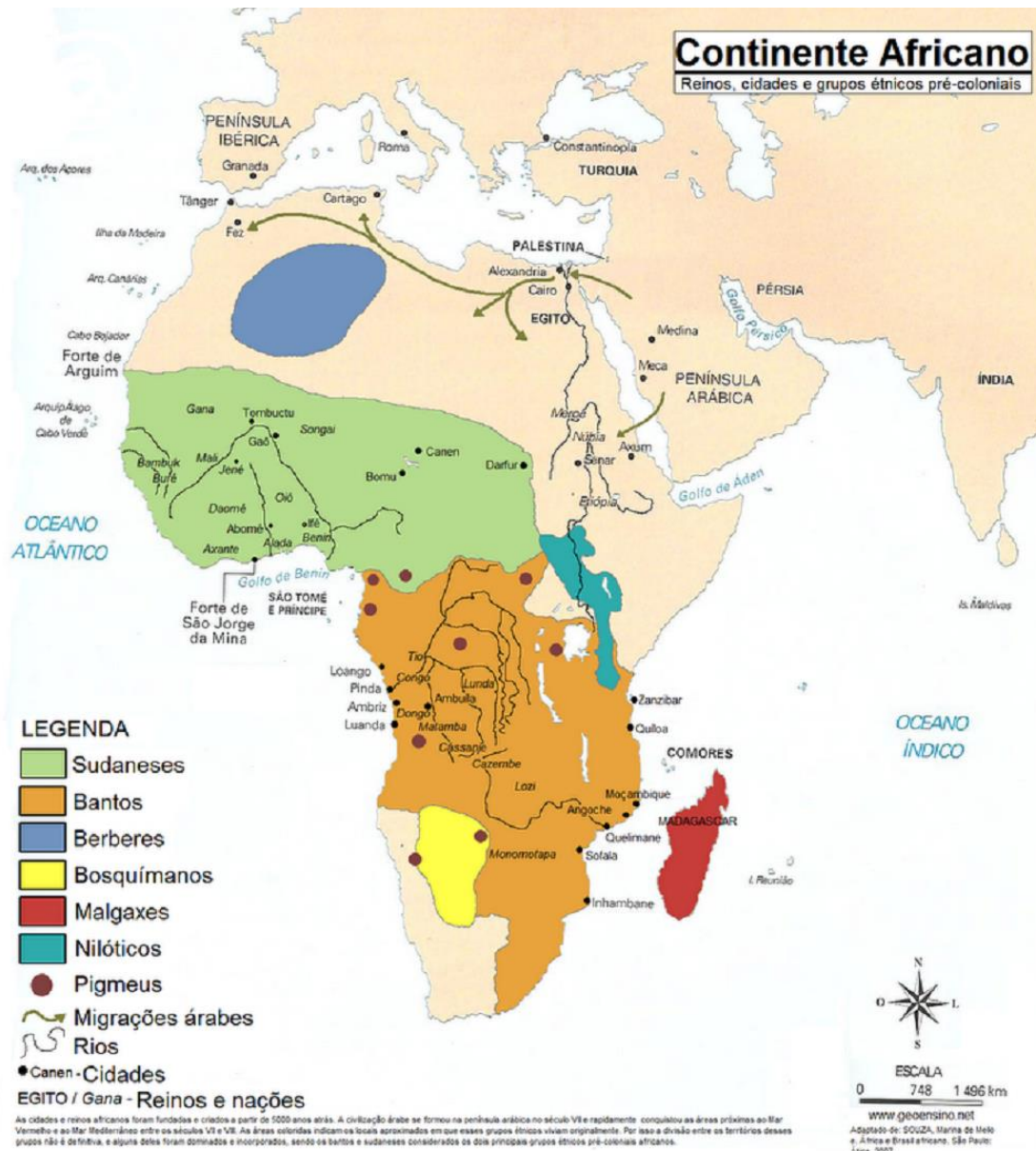


Figura 2 África Pré-colonial⁷.

A África hoje é dividida oficialmente em 54 países sobre um mesmo continente. Mas os negros que influenciaram a cultura no Brasil não vieram na sua maioria de todas essas regiões e sim da Costa da África e do centro oeste. O Mapa acima ilustra África Pré-Colonial, por povos Bantu, Sudaneses, Berberes, Malgaxes, etc. E o mapa de baixo demonstra a África de hoje dividida em países conforme movimento político histórico entre os países europeus colonizadores. Isso resultou no continente que presenciamos hoje – cheio de contrastes. Com alguns países em crescimento urbano

⁷ Acesso em 28.05.2018. Ver link <http://www-storia.blogspot.com/2016/09/africa-reinos-cidades-e-grupos-etnicos.html>

desordenado, conflitivos étnicos, regiões com piores índices de IDH, fome, etc. outros apresentam dados distintos como Cabo Verde, África do Sul, Tunísia e Argélia.



Figura 3 Mapa do Continente Africano⁸.

Sobre esse processo histórico-social resultado de todo um movimento colonialista de divisão ou partilha da África – colonialismo, colonizador e colonizado. Aimé **Césaire** (1978) adverte:

Entre colonizador e colonizado, só há lugar para o trabalho forçado, a intimidação, pressão, a polícia, o imposto, o roubo, a violação, as culturas obrigatórias, o desprezo, a desconfiança, a arrogância, a suficiência, a grosseria, as elites descebradas, as massas aviltadas. (CÉSAIRE 1978, p. 25)

⁸ Acesso em 28.05.2018. Ver o link <http://poetawagner.blogspot.com/2010/12/um-pouco-de-africa.html>

Todo esse processo de escravidão durou por séculos via África-Brasil durante gerações. Pois, além dos africanos, os seus filhos, netos e demais gerações – chamados de **afrodiaspóricos** também foram submetidos ao mesmo sistema, nascidos no colonialismo, já neste “novo” mundo. A **Colonialidade** diz respeito aos desdobramentos, as consequências, à continuidade do pensamento e ideologia do colonizador que deverá ser combatido, através de resistência política com Africanidades. Daí surgem diversas correntes como Muntualismo, Afrocentrismo, Ubuntu, pan-africanismo, entre outros.

Qualquer ideologia de **sujeição** ou **subordinação** sobre cultura, gênero, raça e poder de maneira imposta, violenta nos terreiros é pensar pela colonialidade. A circularidade é um valor civilizatório africano, nele a noção de um sujeito ser maior ou menor em importância não tem mérito pois é do pensamento tradicional que todos têm seus papéis, funções e propósitos, essa é a dinâmica nas tradições africanas.

A colonialidade é um dos elementos construtivos de um padrão mundial eurocêntrico, que consolida uma concepção de humanidade segundo a qual a população do mundo diferencia-se em inferiores e superiores, irracionais ou racionais, primitivos ou civilizados, tradicionais e modernos. (QUIJANO 2010, p.86)

Assim sendo, toda vez que uma criança (nossa continuidade) é privada de aprendizado nas tradições; quando um terreiro disputa com outro por dinheiro, filhos ou qualquer tipo de território; quando terreiros são movidos por dinheiro com compras de cargos e funções, quando há quebra de tradição por razões banais que envolvem o sagrado; quando muda-se de terreiro ou zelador de santo por motivos corriqueiros; quando desrespeita-se o sagrado ou o mais velho para sobrepor à vontade das pessoas ou dos mais novos; quando um terreiro é invadido por grupos de traficantes negros na periferia, quando o policial negro proibi rodas de capoeira ou festas de candomblé; quando é dado mais importância à bens materiais como roupas brilhantes e colares com porcelanas do que a roupas de algodão neutras, pinturas corporais e fios de conta finos; essas ideias e atitudes é que perpetuam a ideologia do colonizador em pleno século 21 – colonialidade.

A escravidão Idealizada pelo europeu cristão, para perpetuar sua soberania desenvolveu várias estratégias afim de dominar, submeter e inferiorizar os povos africanos:

- Converter seus reis e rainhas ao cristianismo.
- Colonizar as relações de poder nas sociedades africanas e diaspóricas.
- Colonizar o saber, poder e o Ser Africano.
- Escravizar ou Assassinar Reis e Rainhas
- Fomentar guerra entre grupos étnicos vizinhos (LOPES 1988, p. 134).

Apagar a história e memória dos povos – reescrevendo-as. O racismo é um movimento ideológico, vai além da cor da pele, logo tudo aquilo que era alusivo aos povos africanos era combatido com a normatividade cristã europeia. A língua, as crenças, filosofia, a arte (canto, dança, pintura e artesanato) eram apropriados pelos europeus ou amplamente proibido. O que era tradição ou estilo de vida passou a ser pejorativo, principalmente no Brasil. Até algumas décadas passadas era necessário pedir permissão a polícia ou delegado para tocar candomblé, a capoeira era sinônimo de rebeldia ou vagabundagem por exemplo.

A pobreza na África não é simplesmente um fenômeno socioeconômico. É a condição humana na sua raiz que foi atacada, traumatizada, empobrecida. A pobreza africana é antropológica: primeiro com o tráfico dos escravos e depois com a colonização. Os negros da África foram privados da própria identidade, da sua 'ipseidade', de tudo o que constitui o fundamento do seu ser-no-mundo, da sua história, cultura e língua. A pauperização antropológica precede e é mais profunda, que a pauperização socioeconômica e apela à uma libertação com uma urgência ainda mais dramática” (MYENG, Apud NGOENHA 2014, p. 142)

Eu concordo quando **Césarie** (1978) descreve sobre colonização a gente percebe que ainda existe tamanha lógica de crueldade em pleno século 21.

Eu, falo de sociedades esvaziadas de próprias, de culturas espezinhadas, de instituições minadas, de terras confiscadas, de religiões assassinadas, de magnificências artísticas aniquiladas, de extraordinárias possibilidades suprimidas. (**CÉSARIE** 1978, p. 25)

As sociedades africanas são orais, muitos dicionários escritos e traduzidos de séculos passados foram transcritos por missionários cristãos. A única condição de sobrevivência imposta ao africano de morte ou submissão e escravidão.

Imposição sobre a Cosmologia e Teologia - Sincretizar as divindades. Muitas lendas do que se ver registrado hoje em livros sofrem influência direta de ideias cristãs. Toda civilização; todo povo tem sua cosmologia – saberes relacionado a criação do mundo, astros e relações com o universo. Como também teologia que diz respeito ao sagrado e suas divindades. Ainda em século 21 é comum presenciarmos lideranças de terreiros crendo que Jesus Cristo é Oxalá ou que Santa Barbara é Iansan; ainda reproduzimos aos mais novos que o mundo foi criado pela perspectiva cristã judaica. Já ouviu falar em *Nzambi Apungo*, *Olódùmarè*, *Mawu Lissá*?

Após abolição (Brasil foi um dos últimos países no mundo a abolir a escravidão em 13 de maio de 1988) nada voltaria a ser como era antes na mãe África da noite para o dia. É necessário um esforço político e ideológico para (re) estruturar um pensamento afrocentrado, daí a importância do pan-africanismo ou o africanismo por exemplo.

Logo, nesse contexto existem várias formas de fortalecer a cultura afro e combater o racismo e o etnocentrismo nos terreiros – uma delas é educando intensamente os mais novos, transmitindo todas as grandezas possíveis de conhecimentos. Negar isso aos mais novos e as futuras gerações é perpetuar a escravidão e submeter uma raça a outra - **colonialidade**. Na dúvida **ensine sempre!**

O candomblé é uma tradição religiosa brasileira, é resultado da diáspora escrava. Com liturgias, línguas, entidades próprias, iniciação, cantos e rezas, etc. há registros de casas fundadas no século 18 no Brasil por africanas, locais hoje que estão em plena atividade. Essas casas ditas como “*casas mães*” ou ainda “*casa matrizes*” são os pontos primordiais do candomblé, delas centenas de casas oriundas surgiram em Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e expandiram-se (territorialidade) Brasil a fora. Assim perpetua-se o legado dos africanos e seus filhos aqui no Brasil. Terreiro é um espaço político de resistência, uma micro África em diálogo.

Segundo Nei Lopes (1988, p. 165) a palavra “Candomblé” é de origem Bantu derivada do termo ***Kiandombe (negro) e mbele (casa)*** significando possivelmente casa de negros.

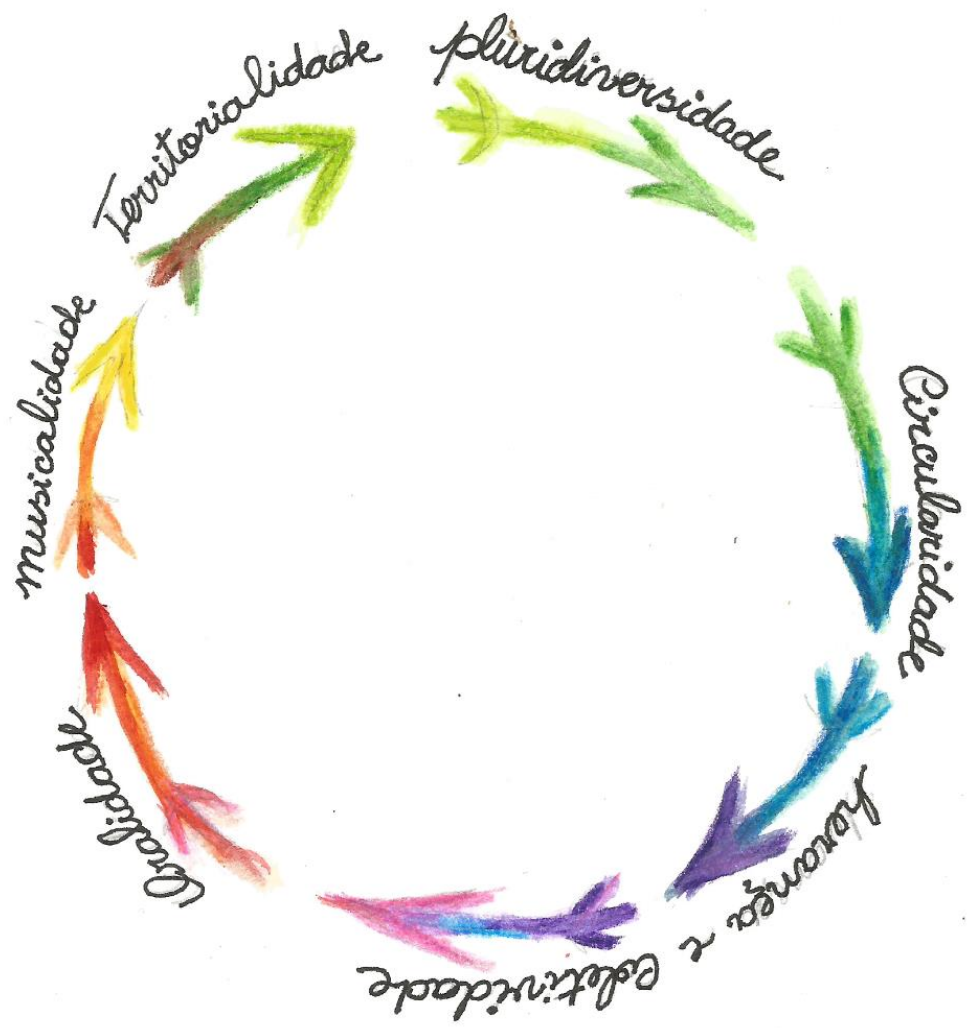
Ou ainda **ka + ndumbe + mbele**, casa de principiantes ou ainda casa de iniciação.

Se hoje os mais novos querem (re) conhecer a história, a trajetória e o processo histórico de formação do candomblé existem dois destinos – as **casas matrizes e os mais velhos**. É com eles que estão as referências afro-ancestrais de nosso povo. É ponto de partida para qualquer membro de terreiro que queira entender e ter um norteamento sobre a filosofia, a liturgia, os cantos, rezas, dança, culinária, língua (**falada** em terreiros) e a teologia afrobrasileira (Culto aos Minkisi). Eis abaixo os nomes de algumas referências de casas matrizes ou raízes:

- Raíz **Tumbensi**, fundada por Maria Genoveva – Mametu Tuenda Nzambi
- Raíz **Bate Folha** - Mansu Bandu Kenke, fundado por Manoel Bernadino.
- Raíz **Tumba Jussara**, fundado por Manoel Ciriaco (Ludiamungongo) e Manoel Rodrigues (Kambambe).
- Raíz **Gomeia**, fundado com João Alves Torres Filho, conhecido por “Joãozinho da Gomeia”.
- Raíz **Kongo de Ouro**, fundada por Crescêncio de Nkosi, filho de Procópio de Ogun e que fora iniciado por Marcolina da cidade da Palha – princesa Igbomina, africana escravizada no Brasil.
- Raíz **Beiru**, fundada por Manuel Rufino de Souza, conhecido por Rufino do Beiru.
- Raíz **Amburaxó**, fundada por Miguel Arcanjo Massanganga.
- Raíz **Paketans**, fundada por Mariquinha de Lembá.

Além da mentira, negar conhecimento por mera vaidade é considerado um crime. Nosso povo precisa combater isso sistematicamente através de rodas de conversa em terreiros, além dos festejos e cerimônias fechadas, assim como congressos e seminários. Se compararmos com outras instituições religiosas ou filosóficas – o conhecimento é amplamente propagado e aprofundado entre os jovens e crianças, sem perder os mistérios que cada corrente tem. Nesse contexto sobreponho que muitos dos mestres e mestras espalhados Brasil a fora e principalmente nas capitais do candomblé ou de tradições afro como Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Belém e São Luís podem e devem ser a força motriz para a eterna construção de um pensar africano.

Precisamos nos vermos como irmãos de continente, de ancestral, filhos de África e não como concorrentes ou inimigos, separados pelas diferenças. O planejamento estratégico do colonialismo foi o apagão civilizatório, cosmológico e epistemológico dentro e fora do continente africano. As pessoas, no senso comum, não percebem a África como um continente e sim como um único país e alguns estados. Para muitos o Egito por exemplo é um continente à parte ou, há quem diga, seja até um país europeu. Devemos perceber esse processo diaspórico africano e a forma como foi deixado até hoje, século 21 em 2018. Por que estamos passando por problemas litúrgicos, civilizatórios e políticos? Por que sofremos com intolerância religiosa? Por que ainda?



Capítulo 2 - Valores civilizatórios Africanos nos Terreiros

“Ir para terreiro” – é uma das frases mais reproduzidas no Brasil a fora. Espaço e lugar de resistência segue a premissa como território de resistência. Nos dicionários dizem ser um campo grande e plano, terraço ou praça, denominação de área localizada ao ar livre que é utilizada para realizar determinadas festas ou celebrações; Sítio onde ocorrem ritos de candomblé, umbanda, ou outro tipo de ritos de origem afrobrasileira. Logo uma escola de samba, o pé de uma árvore na porta de casa ou uma escola que desenvolve atividades afrocentradas que incluem desde festas de arraial no mês de junho são espaços de resistência cultural e civilizatória - pois é ali que o nosso povo interage, troca conhecimento, educa, etc. Mas tem uma observação a ser feita: Terra e Territorialidade. São duas ideias cruciais para iniciar um debate sobre terreiros e afro-ética. Terreiro é espaço de (re)(co)existir. Quem aí quer se afroterritorializar?

*Entende-se **civilização*** como um movimento histórico, político de autoafirmação. De modo de ser, pensar e existir mesmo que talvez tal povo não pense sobre isso conscientemente – através de cultura, das tradições filosóficas, religiosas, e etc. Em todos os cantos da terra e em todas as épocas ou eras houveram povos, costumes ou civilizações. Que viverem, resistiram, se reinventaram ou foram dizimados por outros povos que se intitulavam superiores. Como justificativa para se apossar de suas riquezas materiais ou imateriais muitas vezes.

Daí inicia-se o debate sobre civilizar alguém. Por séculos milhares de povos foram assassinados (genocídio) por um discurso de superioridade, desenvolvimento, universalidade ou totalidade – temos que ter cuidado com a dualidade do desenvolvido *versus* primitivo, ideia base para o **etnocentrismo** que devemos combater-lo sempre.

O imperialismo, o colonialismo ou o capitalismo se espalharam pelo mundo com a ideia de desenvolver ou “democratizar” povos ou territórios.

Porém quando falamos de África, homem Africano, terreiros ou (re) território, levantamos a ideia de um povo, de uma civilização. Não há nada de errado em civilizar, transmitir aos nossos filhos e netos o pensamento, perpetuar a cultura do nosso povo – **Africanidade**.

Muniz Sodré (2002) explana sobre essa territorialidade em terras negro-brasileiras:

perdida a antiga dimensão do poder guerreiro, ficou para os membros de uma civilização desprovida de território físico a possibilidade de se 'reterritorializar' na diáspora através de um patrimônio simbólico. (SODRÉ, 2002 p. 53)

Todos os povos são afirmativos, ou melhor, se auto afirmam através de valores civilizatórios. Os africanos também o fazem com aspectos da vida cotidiana e das cosmovisões africanas e diaspóricas – mais explicitamente percebidos pelo comportamento e nas relações com o mundo. Isso diz respeito ao homem, ancestrais e natureza. Todos os povos têm sua maneira de ser, pensar, falar e expressar suas razões em seus cotidianos. Isso inclui a vida e a morte – com o vestir, dançar, dizer, cantar, louvar a si próprio e aos outros, e a natureza como base para todos esses universos. Compreender como os povos africanos e diaspóricos expressão suas razões de ser é uma forma de se aproximar com a África, para entender, manter, valorizar e preservar esses povos e suas culturas.

Este capítulo aborda nove dos vários valores civilizatórios compreendido mundo a fora, descritos e relacionados com várias situações expressas em terreiros ou universos afrobrasileiros: Territorialidade, Pluridiversidade, Circularidade, Hierarquia, Coletividade, Oralidade, Corporeidade e Musicalidade e Vitalidade.

Territorialidade - Sementes que Geram Raízes

É um valor civilizatório bem explícito nos espaços físicos dos terreiros. Quando se passa na rua de longe gente enxerga uma bandeira branca, um mastro hasteado arranhando o céu. Em muitas casas é um símbolo de culto ao Nkisi (divindade) Kitembu. Já presenciei em terreiros de Ketu afirmando seja símbolo de culto a Osalá. Como também ouvi em rodas de conversa que era comum os quilombos hastearem uma bandeira branca para sinalizar aos negros que fugiam da escravidão de que ali era um ponto seguro para resistir.

Há vários sinais de territorialidade nos espaços de terreiro. Desde a língua falada, roupas, a bandeira, muros e paredes pintadas de branco, portas pintadas de cores específicas e com *mariwo* (folhas de dendezeiro desfiadas sem a tala) e duas folhas de *Peregum ou pau d'água* cruzadas (*Dracaena fragrans*), Árvores (com grandes laços de tecidos brancos nos troncos e oferendas aos seus pés) teológicas e cosmológicas como Dendezeiro (*Elaeis guineenses*), Baobá (*Adansonia digitata*), Gameleira (*Morus nigra*), *Dikesu/plural: Makesu* (nós de cola - *Cola acuminata*), *Juremeira* (*Mimosa hostilis Benth*), Amoreira (*Morus nigra*), etc. Fora as outras árvores úteis e que acaba-se também se divinizando e pertencendo ao acervo ancestral de cada casa (inzo) como *Akokô* (*Newbouldia laevis*), *Aroeira* (*Schinus terebinthifolius*), *Mangueira* (*Mangifera indica L.*), *Goiabeira* (*Psidium guajava*), *Café* (*Coffea*), *bananeira* (*Musa cavendishi*; *Musa paradisiaca*; *Musa sapientum*), etc. Quem já teve algum contato com cultura afrobrasileira consegue de longe identificar uma Inzo de santo ao ver um dos símbolos citados. Outra forma de identificar um território afrobrasileiro sagrado é através dos incensos com suas essências marcantes e peculiares exalados pelo vento. Através do *padê* entregue na porta do terreiro - quem passa na rua, está visivelmente sinalizado, que ali está protegido por *Pambu Njila* - Logo é um local de culto ancestral.

Um outro elemento é a ***Dijina*** – pelo qual o iniciado passará a ser chamado desde o dia do Nome – saída de *muzenza*. Este dia é um marco civilizatório que todos nós passamos, é um símbolo de identidade e territorialidade; de reencontro com África. Após passar pelos preceitos internos e restritos a comunidade, a conclusão de uma iniciação no Candomblé se dá através deste dia. É onde as testemunhas irão contemplar e reverenciar o Nkisi e o iniciado. Para os meus ancestrais e as futuras

gerações serei sempre Tata **Kafunlumizo** – de acordo com a memória da comunidade na qual eu nasci e me testemunharam, filho de Tatetu **Falodê**.

Territorialidade também está relacionada com os guardiões do terreiro que variam conforme as nações e raízes. Mas na porta da maioria dos terreiros estão assentamentos de *Pambu Njila*, *Nkosi* e do Sr. Tempo - Rei de Angola. Nas casas de Jeje os cantos ficam sobre proteção de *Gbesen*, *Gu*, *Legbá*, *Ayizan* e *Sorokué* (pronuncia *Xorokue* ou *Xorokê*) que em muitos lugares seu culto foi incorporado a um dos títulos do Òrìṣà (Orixá) *Ogun - Ogun Xoroke*. De uma forma ou outra, esses assentamentos exemplificam de maneira criativa e soberana que ali há um povo, uma civilização, vários reis e rainhas e o sagrado. Esses locais demarcam e afirmam uma cultura, um imaginário, a forma feita de uma determinada nação e **raíz**. Se buscarmos verificar a forma de assentar um *Pambu Njila* ou *Nkosi* ela varia entre os bate folha, Tumba Jussara, Tombensi, etc. De modo que dá para identificar a origem de cada um - após anos de vivência entre essas casas é claro.

A territorialidade está presente no nome do terreiro - na porta de uma roça de candomblé é um nome composto que demarca aquele local, geralmente escrito em português ou na língua que representa origem étnica daquela casa. Já vi vários casos em que *Inzo*⁹ de Angola ou *Kwe*¹⁰ de Jeje por exemplo estarem grafadas com frases Yorubanas. Mas o importante é notar que esse nome é que institucionaliza e dá origem a um dos termos mais falados no candomblé: **Raíz!**

Qual sua **raíz**? A resposta dessa pergunta é resultado de todo um processo político, social e tradicional desenvolvido por uma comunidade e sua dinastia de resistência. Ela cria e afirma uma identidade em meio a tantas outras de terreiro. Essa identidade está presente nas roupas, no falar, nas concepções, nos ritmos tocados, na liturgia (obra do povo), nos nomes dos membros iniciados, etc. É o que acaba diferenciando uma raiz de outra e suas origens. Eu por exemplo sou iniciado por Tat'etu Angelo Falodê (em memória), o nome da roça de meu Pai era *Inzo D'Angola Lua Branca* - minha raiz, minha fonte, onde nasci e bebi dos conhecimentos se chama "Lua Branca". A nossa dinastia é oriunda; de origem Bate Folha - nome de uma raiz do Candomblé de Angola que já atravessou um século de existência fundada na Bahia

⁹ Em vários terreiros de Candomblé Angola, traduzem como o mesmo que casa.

¹⁰ Em muitos terreiros de Candomblé Jeje traduzem como Casa.

por Sr. Bernadino (em memória). O candomblé de Angola tem várias raízes e suas respectivas casas matrizes, como o próprio bate folha; o Tombensi fundado por Sra. Maria Nenem (em memória); Tumba Jussara fundado por Sr. Ciriaco (em memória); a Gomeia fundada por Sr. Joãozinho da Gomeia (em memória), entre outros. - esses nomes são de mestras e mestres falecidos que foram para o reino da glória mas seus nomes se eternizaram através de seus filhos e netos.

É importante lembrar que às vezes essas raízes ganham notoriedade por nomes da casa, do bairro ou por algum termo relacionado a raiz. A raiz Gomeia por exemplo é o nome de um bairro; o Beirú é onde foi fundada a casa de Rufino Massanganga (em memória) é outro bairro em Salvador - BA, aliás dizem que Sr. Rufino foi o primeiro morador, desta forma, percebemos o quanto um terreiro tem uma participação política em uma comunidade e que a partir dele surgem vários desdobramentos. Quantos bairros, comunidades foram fundados e formados a partir de um terreiro Brasil afora? Assim, a territorialidade é um valor civilizatório que atravessa os muros dos terreiros, pois se desdobra em uma identidade perpassada por conhecimentos tradicionais. Existem diversas roças de candomblé que seguem os princípios e pensamentos de outras mais antigas. Existe uma lei muito falada nas rodas de conversa dentro de terreiros: **"só se dá o que se recebe"**. Quando um sacerdote inicia e pratica diversos rituais públicos e fechados, estes na verdade são conhecimentos transmitidos por gerações cujo o direito de pratica-los se dá através do reconhecimento, este é atribuído a iniciação e demais ritos de passagem. Só é condicionado, permitido, possível dar algo a alguém se o tenha recebido igualmente de seus pais ou mais velhos. Logo, raiz resulta-se de todo um processo étnico familiar e histórico transmitido de pai para filho. É um tabu, não há lógica falar, cantar, dançar, fazer e ofertar algo sem ter recebido.

Pluridiversidade – Entre Reinos e Grandezas, o respeito as diferenças.

Antes de tudo preciso ressaltar uma informação que todos nós sabemos, mas não compreendemos. Africanos vieram para o Brasil sequestrados de maneira violenta no aspecto mais amplo possível. E ao longo dos últimos dois séculos as indústrias e os veículos de comunicação tentam nos vender a idéia de que a África e os negros afro diaspóricos se submeteram da maneira mais passiva possível com novelas

mostrando homem branco e o negro em relações harmônicas afetivas – racismo velado ou cordial.

Pluridiversidade é um valor civilizatório brasileiro - É o resultado das várias manifestações culturais e diaspórico no Brasil. Fruto das confluências entre sacerdotes, membros de algumas etnias que constituíram o que chamamos hoje de Candomblé e suas nações, consequência de uma memória coletiva. Dentro desses movimentos há famílias, clãs, etc. O que chamamos de "raízes" conforme constituições de suas casas matrizes. Legado herdado há pelo menos dois séculos passados ao longo de gerações. Eu sempre costumo dizer que terreiro de candomblé é uma encruzilhada no sentido de cruzamento; idas e vindas, é um local de aprendizado, ponto de resistência política, existencial, cosmológica. Estas nações e estas raízes através de membros que promoviam intercâmbio cultural, linguístico semiótico através de cerimônias diversas de vida e morte e se influenciavam. Por isso no candomblé há simetrias, sincretismos (troca de influência) ou correlatos, poucos atos são específicos de cada nação. Mas é nítido que no candomblé há uma identidade retroalimentada em suas nações e famílias. Candomblé é tudo igual? Não! Tudo é compreensível, há maneiras diversas de fazer e pensar.

Sobre sincretismo reforço a ideia de diversidade e potencialidade nas divindades e entidades afrodiaspórica através de Muniz Sodré (2002):

Santos como São Benedito (negro), Santa Bárbara, Nossa Senhora do Rosário, São Joaquim, Santa Efigênia (negra), a Virgem Maria, São João, São Sebastião, São Lázaro, São Elesbão (negro), São Baltazar (negro) e outros – sem esquecer a própria cruz católica – atuavam como símbolos mediados entre cosmovisão negra e o universo branco europeu, mas também como engendadores de axé, porque eram “santos”, logo seres-forças. (SODRÉ 2002, p. 108)

Para o Brasil estima-se que vieram mais de quatro milhões de negros escravizados através da diáspora tornando-se assim um dos maiores eventos migratórios forçados na história do homem durando cerca de 3 séculos. O processo de escravidão negra no Brasil teve suas origens a partir do ano de 1540, com o desenvolvimento da cultura canavieira e prossegue até sua interrupção no ano de 1852. Nesse período, a expansão portuguesa no litoral africano abrangia áreas geográficas do Congo, Angola, Costa do Marfim, Moçambique, Guiné e ilhas do Cabo Verde, justamente terras ocupadas por povos de origem Bantu.

Com a lei Áurea o Brasil foi um dos últimos países do mundo a abolir a escravidão. Para compreender essa pluridiversidade sobre uma perspectiva bem complexa eu cito 3 aspectos para reforçar esse valor civilizatório afrobrasileiro:

Geopolítico: A África é um continente com **56 países** - espaço territorial com mais de 30 milhões de quilômetros, segundo Munanga (2009), é o terceiro maior continente atrás de América e Ásia. O continente Africano foi colonizado por vários países europeus durante séculos, tais como: Portugal, Inglaterra, Bélgica, Espanha, França, etc.

Ambiental: É um continente com vários biomas tanto quanto o Brasil, uma grande diversidade vegetal, animal e climática. Além de desertos há florestas tropicais e equatoriais que definem bem a cultura e estilo de vida de seus povos.

Linguístico: uma das matrizes étnicas trazidas para o Brasil foi a do povo Bantu, conhecidos também por Bantófonos, originários da África Subsaariana, Centro-Oriental que abrange cerca de 400 subgrupos. Que após a divisões da África teve a integração de países como Angola, Congo, África do Sul, Zâmbia, Moçambique, Tanzânia, etc. Eram povos agricultores que cultivavam a melancia, o feijão-fradinho, o dendê, etc. Praticavam a caça, pesca e dominavam a metalurgia. Os troncos linguísticos que mais influenciaram no Brasil foram o Kikongo, originário do Reino do Congo, o Kimbundo, muito falado na região central de Angola e o Umbundo falado no Sul de Angola e Zâmbia.

Portanto, é essencial compreender e submergir na imensurável contribuição e riqueza cultural que a África sempre teve e atravessou oceano. Legado esse que, ao longo de séculos, tem sofrido com o genocídio, epistemicídio, semiocídio, etnocentrismo oriundo das imposições dos colonizadores europeus, criando fronteiras inexistentes e juntando povos que ao longo séculos tinham seus territórios e suas culturas. A África também foi um grande ponto de imigração, idas e vindas de estrangeiros, inclusive asiáticos.

Agora pergunto por que em pleno século 21, vivenciando o candomblé como resultado de toda confluência cultural em África e Brasil, eu deveria pensar que exista apenas uma forma de fazer, falar, dançar, tocar e Pensar? Por que devo acreditar que exista apenas uma maneira certa de um determinado fundamento e as demais são todas erradas? Cito o exemplo de uma comida ofertada nos terreiros chamada

de **Amalá** ou **dibangulangu** onde o ingrediente básico é o quiabo (*Abelmoschus esculentus*) e a carne bovina. Mas já vi e degustei mais de 12 tipos que variam de casa ou raiz – cito abaixo alguns:

1. **Forma:** Quiabo, carne, castanha, pimenta, camarão, cebola e massa de canjica.
2. **Forma:** Quiabo, carne, camarão e cebola, massa de canjica.
3. **Forma:** Quiabo, carne, pitada de sal.
4. **Forma:** Quiabo, carne, sal, pimenta.
5. **Forma:** Quiabo, carne, pimenta, camarão, cebola, inhame amassado.
6. **Forma:** Quiabo, Amendoim, camarão, cebola, massa de canjica.
7. **Forma:** Quiabo, carne, castanha, pimenta, camarão, cebola, massa de canjica e farinha de mandioca fina.

Percebe-se assim, a ampla variedade de uma mesma iguaria, dos quais eu mesmo já ouvi de muitos irmãos que algumas delas são “*erradas*”. Mas vejo apenas como outra forma de fazer e finalidade que varia de região para região, nação e casa. O Dendê e o azeite de oliva também é são fator determinante para o preparo dessas oferendas, pois há entidades que aceitam ou não tais temperos.

O conhecimento não distingue raça e nem clã
ele enobrece o homem.

Proverbio Bafur ¹¹

Assim como a África, o Brasil é um espaço de várias realidades - principalmente no que diz respeito à língua e biodiversidade. Aqui temos do clima tropical ao deserto, temos cinco macros regiões. A língua oficial é o português, mas com vários sotaques que mudam de região. Logo, é lógico que o candomblé também tem particularidades conforme sua localidade, com relação à palavra e o signo.

“O ouvido ouve aquilo que ainda não ouviu”.
Proverbio Bafur ¹²

Se buscarmos histórias de nossos antigos do século passado como Bernadino, Maria Nenem, Ciriaco, Rufino do Beiru, Joãozinho da Gomeia, Tata **Famutinho**, Djalma de Lalu, Samba dia Amongo, Cristovão de Ogunjá, entre outros. Confirmaremos que eles

¹¹ Hampaté Bâ (1980, p. 200)

¹² Idem.

não ficavam em casa isolados com seus filhos e netos muitos tinham até cargos e títulos em outras casas. Eles entendiam, compreendiam e identificavam-se – com a mesma pipoca e a cebola, que respondiam em terras de Angola, Ketu e Jeje.

Escrevi meu nome na casca de uma cebola
arrisquei minha vida, mas salvei minha crioula.¹³

Circularidade

Nas tradições de origem africana uma outra característica marcante é a circularidade - confraternizamos em círculo. Nosso mundo é redondo em sentido anti-horário para nos encontrarmos com o nosso antepassado. Por isso estamos imensamente deslocados de um mundo quadrado, em fila, em linha reta. Ancestralizar-se é Aprender, Pensar, Alimentar e Dançar - Uma lógica que se retroalimenta nas tradições afrobrasileiras. Pertencer a nossa tradição é dedicar o tempo incerto que temos aqui para comer, louvar ancestrais e dar afeto através da dança e do canto coletivo! O julgamento e a condenação ficam para aqueles que só sabem ver a nossa cor antes de nossos valores!

A circularidade se encontra na hora de temperar um alimento e um assentamento (*kunda*); quando riscamos um ponto no chão; na vela, na forma do tambor, no tronco de uma árvore, no alguidar e no prato servido, nas inúmeras rodas formadas em terreiros ao pé de uma árvore, ou nas rodas em cerimônias públicas; no formato de uma gamela; em uma fruta; uma bola de farinha; na roda de capoeira; roda de carimbo; roda de Marabaixo¹⁴; roda de festa Junina; roda de boi Bumbá; roda de Congada; roda de Samba; entre outros.

Nosso universo é circular, se pararmos para olhar muito daquilo que é feito artesanalmente nos terreiros é de base circular. O que vem de fora é retangular por que são frutos e resultados de uma lógica cartesiana, mercantilista – de controle total

¹³ Cantiga entoada nos sambas/Candomblés de caboclo.

¹⁴ Com início no sábado de Aleluia, o ciclo do Marabaixo tem maior ocorrência em Macapá – AP. Ver link:
http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=1015%3Amarabaixo&catid=48%3Aletra-m&Itemid=1

e análise de custos. É por essas e outras que não indico a compra de produtos feitos em outros ambientes externos de terreiros. Cito o exemplo de banhos “prontos”, pois na minha opinião são exemplos de “*placebos*” espirituais, de origem duvidosa. Eu cresci em casa fazendo meu próprio banho com corpo limpo, vela acesa e folhas colhidas em horas restritas, com as devidas oferendas a *Katende* e *Mene Panzu*. Isso faz parte do processo teológico de nossa cultura – será que esses banhos foram feitos em ambientes propícios, ou foram feitos em ambientes com normatividades industriais que visavam somente o produto final e acabado (placebo espiritual), com rótulos expostos em prateleiras? É nesse contexto que sempre tomo cuidado com tudo que vem de fora como animais, esteiras, ervas específicas, velas, sementes, etc. como banhos e defumações. Os recipientes de barro ficam dia e noite expostos ao sol e lua e depois banhados para depois serem usados nos fins sagrados. Nada vem da rua sem o devido “descanso”, limpeza e preparo para o uso litúrgico.

Hierarquia e Coletividade

Na sociedade tradicional Africana, as atividades humanas possuíam frequentemente um caráter sagrado ou oculto, principalmente as atividades que consistiam em agir sobre matéria e transformá-la, uma vez que, tudo é considerado vivo. (BÂ 1980; p. 185)

A hierarquia e a coletividade são valores civilizatórios que sempre dividiram opiniões de muitas pessoas em terreiros. Ambos têm ligação com relações humanas, cargos e funções. Mas muito confundida com disputas de poder.

Na natureza tudo é importante, todos têm um **propósito** e interação. Para nós de terreiro, somos todos frutos de uma relação simbiótica (relação entre duas ou mais *espécies*) que envolve homem, natureza e ancestrais.

Muitas espécies na natureza têm forma de organização como as abelhas, caranguejos até as formigas por exemplo, e no candomblé não seria diferente. Porém o africano chegou aqui de maneira violenta em uma migração forçada. Como hierarquia é sinônimo de organização social é lógico que seria alvo de estratégias de dominação do homem branco. Olhem esse trecho de uma carta, escrita por um escravagista:

Verifiquei que entre os escravos existem uma série de diferenças. Eu tiro partido destas diferenças, aumentando-as. Eu uso o medo, a desconfiança e a inveja para mantê-los debaixo do meu controle. Eu vos asseguro que a desconfiança é mais forte que a confiança e a inveja mais forte que a concórdia, respeito ou admiração.

Trecho, A CARTA DE WILLIE LYNCH¹⁵

Ao longo de 30 anos tenho presenciado muitas formas de abuso de poder por parte dos mais velhos com relação aos mais novos – gente que usa e abusa da inexperiência e ingenuidade dos neófitos em pleno século 21. O abuso da hierarquia ao meu ver é uma forma de escravizar; pensar e reproduzir o pensamento do homem branco escravocrata dos séculos passados dentro de terreiro. Aprendi desde cedo que nossas relações são ancestrálicas, logo quando adentramos um terreiro, ali passamos a ser vistos como imagem e semelhança de nossos ancestrais – sendo vistos como se fossemos resultado ou espelho das entidades como Nkosi, Kavungo, Lemba, Nzumba, etc. ofender ou agredir, moralmente ou fisicamente, um irmão de terreiro é como se estivéssemos fazendo o mesmo com uma divindade. Não há como separar corpo e espírito ou distinguir corpo, ancestral e coletividade. Por isso digo que somos um acervo ancestral ambulante! “ ... este ser ao mesmo tempo é simples e múltiplo. Ele comporta elementos físicos, psíquicos e espirituais...” (BÂ 1981, p. 116)

Para se praticar candomblé é necessário compreender o quanto a coletividade e cooperativismo são condições de existência dentro e fora de terreiro - nascemos, vivemos e morremos juntos, através destes parentes. O primeiro exemplo marcante sobre isso é a microestrutura familiar que herdamos na iniciação – a Zeladora (o) de santo (Mametu ou Tatetu Nkisi) – é o nosso iniciador, mestre, guia, ou ainda um tutor ancestral. Temos ainda o pai pequeno (Tata Ndengue) e a Mãe Pequena (Mama Ndengue). Todos nós, ao nascermos no candomblé, temos esses idênticos – qualquer estrutura familiar de *santo* é estruturada sobre esses troncos. Todo iniciado no Candomblé pertence a essa composição mínima que depois, de iniciado, se

¹⁵ Acesso em 20.05.2018, Ver o link <https://www.geledes.org.br/carta-de-willie-lynch/>

¹⁶ Tradução para uso didático de: HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. La notion de personne en Afrique Noire. In: DIETERLEN, Germaine (ed.). La notion de personne en Afrique Noire. Paris: CNRS, 1981, p. 181 – 192, por Luiza Silva Porto Ramos e Kelvlin Ferreira Medeiros.

expande aos irmãos, tios, sobrinhos de iniciação. Que de maneira recíproca irão educar e trocar saberes de forma afetiva.

No candomblé é necessário ser desse núcleo comunitário ou familiar, compulsoriamente, seja de escolha própria ou não os seus entes – Ninguém se inicia sozinho! Quem é feito em Candomblé tem Mãe, Pai, irmãos e Padrinho.

Tudo isso que nós somos e tudo isso que nós temos, nós devemos uma vez a nosso pai, mas duas vezes à nossa mãe.

(Proverbio Mali)¹⁷

Sobre esse complexo sistema de relações de parentesco ora familiar, por sangue e pactual por iniciação em terreiro e ainda os aderentes – aqueles não iniciados, mas que zelam pela tradição/casa. A mulher tem papel crucial na diáspora, se voltarmos na história, aos primórdios do Candomblé, o também conhecido como Candomblé Colonial ou Sincrético (entre nações africanas) perceberemos que elas estiveram à frente nas grandes casas matrizes de Jeje, Ketu e Angola.

O sistema familiar africano é matrilinear, pois o conceito de parentesco é uterino. As pessoas são parentes porque provêm do mesmo útero e não da mesma semente. A mulher africana tem papel eminente na sociedade: é considerada o elemento central da família e do corpo social. (BOTAS 1996, p. 19)

Aliás devemos observar a ideia de família africana e também o ideal familiar afrobrasileiro, o primeiro foi devastado durante a escravidão ao longo de séculos e ressignificado a partir dos tumbeiros (navios negreiros) até onde eram comercializados na chegada nos portos, feiras e mercados de escravos. Nesse violento processo, os africanos tiveram contato e formavam aliança com outras etnias – assim a conotação de família fora redefinida para inclusão todos de mesma etnia ou resistência, produzindo parentescos simbólicos como descreve João José Reis (1991):

vindos de sociedade baseadas em estruturas de parentesco complexas, das quais o culto aos ancestrais era uma parte importantíssima. Já na travessia do atlântico, a bordo de fétidos navios, morria a família africana e nasciam os primeiros laços de fictícia família escrava, na relação profunda entre

¹⁷ idem

companheiros de viagem, que dali em diante tornavam-se malungos uns dos outros. (REIS 1991, p. 68)

A estrutura de uma casa de santo é complexa, por isso é chamada de “roça” pois além de ser um local de trabalho no sentido mais amplo possível é um espaço para **cargos e funções** no sentido organizacional e de **propósitos** no sentido existencial cosmológico. Logo eu, como iniciado, dependo de todos independente do tempo de iniciação ou posicionamento hierárquico. Portanto somos resultados de um esforço e acervo coletivo de “pessoas” de Nkisi, dessa maneira o membro ou sujeito de terreiro é existencialmente político pois pensa e vive pelo outro, e ilimitado ao seu corpo metafísico uma vez que este gera, cria e transforma o outro.

O ser humano não é uma unidade monolítica, limitada ao seu corpo físico, mas sim um complexo habitado por uma multiplicidade em movimento permanente.
(BÂ, 1981; p. 3)

Os cargos no candomblé também acomodam um outro verso da complexidade afrobrasileira nos terreiros: A quantidade de funções por pessoa que temos no Brasil é enorme, aqui temos desde o líder sacerdote *Mametu*¹⁸ *ria Nkisi* ou *Tatetu*¹⁹ *ria Nkisi* perpassando pelos cargos/funções sobre as folhas, o sacrificador de animais, os músicos, a Cozinheira, Mãe Criadeira, pai ou mãe do altar, o responsável pela casa de *Pambu Njila*, pela casa de Nvumbi, pelos pós mágicos e pinturas, e tantas outras atividades necessárias à complexidade cotidiana de uma roça de candomblé, são funções que qualquer membro de terreiro pode praticar, com exceção daquelas restritas ao gênero ou ao Nkisi da pessoa, pois existem algumas casas que filhos de determinados Minkisi são limitados ao culto de algumas divindades, ou ainda, homem não pode praticar o culto à algumas outras, assim como as mulheres, é uma discussão teológica profunda que também se tornou “divisor” de águas nos terreiros aqui do Brasil. Contudo, existe um outro fator que pondera sobre tais cargos e funções: **O tempo de iniciação**, existem terreiros com mais de um sacrificador, e como saber quem vai imolar em terminada obrigação? O primeiro critério utilizado é

¹⁸ Em muitos terreiros de Candomblé de Angola é traduzido por Nossa Mãe; Mãe de todos ou mãe maior.

¹⁹ Em muitos terreiros de Candomblé de Angola é traduzido por Nosso Pai; Pai de todos ou pai maior.

o jogo de búzios que determina quem faz ou não, levando em consideração o tempo de iniciação e até mesmo a energia, em questão.

“Éeee tempo

O tempo não tem parente”²⁰

Eu cresci presenciando diversas vezes o Nkisi de meu Pai D`oxá “*batendo cabeça*” para minha avó carnal, Sra. Marta, Ekedí suspensa, que não é confirmada/iniciada – logo, é Abian ou Ndumbe. Esta cena já vi se repetir outras vezes em diversos terreiros e sobre isso muitas vezes me vi cair em um processo de reflexão. Concluí que em casa de Candomblé nem todo mundo nasceu para ser sacerdote, iniciado, receber cargo ou a famosa “*cuia*”, conhecida também por “*deká*” ou Ntanda, kijingu.

Logo, uma pergunta tem sido muito recorrente: Para Cultuar Nkisi é necessário iniciação? Bom, em se tratando que uma roça de Candomblé é um espaço voltado para o culto ancestral, além disso é lugar de reafirmação ou reencontro com África e suas identidades. Sempre foi espaço de acolhimento e (re) territorialização africana por meio da diáspora. Não. Não é necessária iniciação.

Na África nem todo mundo é iniciado mas pertencem e são envolvidos com os espaços de culto. Por que somos de uma tradição que segue uma biológica, lógica da natureza e ainda ancestrállica. Segundo estes condicionais civilizatórios todos somos parte de um todo – não há separação física-ancestral – **todos no mundo é partícula de um Nkisi-Nzambi**. Assim sendo uma casa; um tronco; um terreiro não necessita que todos aqueles que frequentam sejam iniciados. Imagine-nos um determinado lugar frequentado por 10 pessoas ficaria tudo bem, mas já pensou se fossem 500 pessoas? Fatalmente cairíamos em uma lógica linear, industrial, e portanto, colonialista, algo como uma fábrica de fazer filhos, onde não importa educação e saberes dos neófitos, mas sim apenas títulos, a quantidade tomaria lugar da qualidade e identidade, subjetividade perderia lugar para homogeneidade ou uniformidade, por isso, uma casa ascendente não é aquela com muitos Tatetu ou Mametu, sem casas abertas – os famosos “*dekas de guarda roupa*” ou ainda muzenzas. Mas sim aquela que tem muitos Ndumbe/Abians, pois são também

²⁰ Cantiga para o Nkisi Kitembu, ritmo Munjola.

responsáveis pela manutenção da casa, do espaço, mas que por alguma razão não carecem de “iniciação” para o sacerdócio.

O sacerdote sim, diz respeito à dedicação integral, humanidade, aprendizado eterno, além da aptidão desenvolvida através de iniciação, vivências e recebimento de cargos ou títulos, que vem acompanhado com todo um acervo ancestral de saberes representados por joias, assentamentos, etc.

Como percebe-se, há muito o que se pensar sobre as relações humanas em terreiros, posicionadas sobre tempo/idade de iniciação, cargos, Nkisi de iniciação, etc. a hierarquia está associada ao posicionamento nas **rodas** de candomblé – que apesar de não ter fim, há momentos para entrar e sair; está nas cantigas de cargos específicos e que variam de nação/raiz; na hora de tomar a benção dos mais velhos e dos mais novos, seguindo sequência de iniciação e cargos, não-iniciados; no uso das joias que são específicas para cada idade de iniciação, obrigações pagas, cargos e Nkisi iniciado; como também está na capoeira quando o Mestre tem uma corda de cor específica e os demais alunos também, conforme o tempo e nível de habilidades – cada jogador (co)responde à sua corda.

Quem queima etapas não faz completo o caminho.²¹

Mãe Stella de Oxóssi (2007)

²¹ Mãe Stella de Oxóssi (1925-2018) foi uma mulher negra, baiana, liderança política, **sacerdote** de Candomblé Ketu do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá e membra da Academia de Letras da Bahia. Também Autora de diversos livros, um deles é o “Owe – *Provérbios*” - Salvador – 2007.

Oralidade

Essa dinâmica oral, entende-se como uma ideologia, a oralidade é um poder do ser e saber através do falar. Hampaté Bâ (1980, p.173) complementa essa ideia quando diz que a palavra, não só um poder criador, mas também a dupla função de conservar e destruir. Por essa razão a fala, por excelência, é o grande agente da magia africana.

Magia é controle e direcionamento de forças, Hampaté Bâ (1980) destaca muito bem a distinção na África e no ocidente sobre mágica/magia:

Na Europa, a palavra “magia” é sempre tomada no mau sentido, enquanto que na África designa unicamente o controle das forças, em si uma coisa neutra que pode se tornar benéfica ou maléfica conforme a direção se lhe dê. Como se diz: “nem a magia nem o destino são maus em si. A utilização que deles fazemos os torna bons ou maus”. (BÂ 1980, p. 173)

A oralidade africana é um documento vivo. Nossa única riqueza nesse mundo é o nosso corpo, e a fala é uma de suas maiores forças. Há lugar e tempo de falar – ou seja, também tem relação com uma ética africana, inteligência social que envolve vivos e mortos. Logo, perpassa por valores civilizatórios como a ancianidade, juvenilidade ou mocidade. Basta pensarmos que os dentes também são cíclicos. Pois depois nascemos, os dentes de “leites” nascem, caem e surgem os “fixos” e com a ancianidade eles também se vão. O saber, a boca, a fala e a intenção geram um complexo conjunto de magia e poder de criar - fonte de energia vital (Ngunzu). Lépine²² (2000, p. 70) explica também essa ideia de tempo e ciclos, quando se refere ao ciclo vegetal. Onde discorre sobre as sementes que após estarem de baixo da terra por um tempo, voltam em novas plantas e novas sementes. Associando assim à concepção e conscientização de vida, morte e existência.

A oralidade se tornou, nas últimas décadas, uma reduzida e banal ideia de que se trata apenas de comunicação pela boca excluindo a escrita – uma superficialidade! Vai além, pois diz respeito a um modo de vida e resistência – trata-se de como um povo vive, se relaciona com os mundos e desenvolve-se. É uma complexidade; é sistemática que envolve o social e sagrado dos terreiros.

²² Ver LÉPINE, Claude. **Os dois reis do Danxomè**. Monarquia e varíola 1600-1800. Unesp-Marília-Publicações, 2000.

A oralidade está presente nas relações afetivas, no canto e na reza de um sacerdote. No brado de um Nkisi quando chega na festa; no pedido de um doce do kafiotó (erê); nas diretrizes que um jogo de búzios perpassada pelas interpretações do zelador; na saliva; na entrega de uma joia; nas orientações de uma entidade para seus devotos. Por isso, em terreiros não há espaço para mentira, pois até a boca como parte do corpo físico-ancestral é sagrada – as nossas bocas passam por procedimentos ritualísticos em vida e morte.

A língua que falsifica a palavra, vicia o sangue daquele que mente.

Provérbio Mali²³

Logo falar, cantar e rezar fazem parte de um tripé ético africano tem tom de saber, poder civilizatório e divinizado – é na transmissão oral, por diversas dimensões, que se herda o patrimônio (herança, memória coletiva) e acervo cultural-ancestral de nosso povo. Na cultura afro bantu Brasileira, a entidade *Pambu Njila*²⁴ está relacionada à comunicação, aquele que gere e regenera; que transforma; que leva e traz – tem relação com dinamismo e movimento. É uma energia consagrada em todos os ritos de vida e morte. Para Kiretauã²⁵ (2008) esta entidade está relacionada a todo movimento de ligação; de ir e vir; mudanças e recomeço. Por isso atribuída a caminhos, estradas, encruzilhadas, atalhos e fronteiras. Só consegue falar ensinando aquele quem tem experiência de pensar algo, e de alguma forma é o mais velho que assume esse papel, socialmente falando. Está à frente daquele mais novo, ou que está por saber. Por isso o tempo tem relação existencial, tanto quanto a oralidade em uma comunidade (espaço) pois sempre ele está acompanhado com o saber. Mas o tom da falação nos é concebido desde que nascemos, chorar e sorrir também fazem parte do processo.

²³ Bâ (1980, p.174)

²⁴ Marcos, Tatetu Kiretauã, é sacerdote do Candomblé de Angola – SP, e escreve periodicamente um blog sobre a cultura bantu no Brasil. Ver link: https://tatakiretaua.blogspot.com/2008/12/blog-post_2567.html

²⁵ Idem.

Corporeidade, Musicalidade e uma eterna construção de corpos

Se tem algo que é explicitamente marcante nas tradições Africanas, é a corporeidade, o corpo humano em evidência. Faz parte do início ao fim nas iniciações e ritos de passagem nos terreiros de tradições afrobrasileiras e em própria África.

Quando se entra nesses espaços aqui no Brasil o primeiro ato feito é o banho de ervas no corpo e colocação de roupas e joias como critério para circular nos espaços sagrados. O trabalho sobre nossos corpos, a alimentação e limpeza que passamos com sacudimentos, banhos de ervas frescas e em outros estágios como o “*abô*” e na hora dos sacrifícios com as obrigações ficam evidente que eles estão em constância transformação junto com o ***Mutue*** (cabeça).

Nossos corpos são (re) encontrados; (re) interligados com a ancestralidade de forma permanente e irreversível – logo após uma iniciação não somos mais o mesmo no sentido espiritual, mental, corporal. Por isso **não** existe **ex-feito** no santo, a gente pode parar de ir ao terreiro, desapegar das joias, roupas, assentamentos, etc. mas as marcas físicas e simbólicas que passamos, as experiências afetivas que vivenciamos continuam.

Da mesma forma que não existe o **ex-filho** – as relações que temos em terreiros são ancestrálicas, irmandade que compartilha do mesmo **axé**, pessoas de origem social distintas deitando na mesma esteira, criam vínculo onde se compactuam e se reencontram com África através das iniciações que ultrapassam o sentido de **status ou contrato social entre duas ou três partes interessadas** – nós não **estamos** iniciados, e sim **somos e pertencemos!** É algo fora de nossas escolhas que sentimos, é divino, onipresente e compulsório. É como o DNA que carregamos, o sangue, o ar que respiramos e a batida do coração. Por isso, muitas vezes pai e filho, irmãos de santo brigam entre si e juram mortes algumas vezes, mas na hora de uma obrigação, um candomblé quando se encontram acabam por trocar bênçãos. Inclusive participam reciprocamente de seus respectivos ritos funerários como *àsèsè* (axexê), *sihun* ou *ntambi* – as relações e interações humanas, domésticas ficam “abaixo”, disso por que sabemos e devemos de nossos valores ancestrálicos e civilizatórios.

É por isso que devemos nos cuidar fisicamente e mentalmente. É infinito o número de **sacudimentos**, banhos e oferendas para o corpo principalmente na hora da iniciação e ritos de passagem com aplicação de pós específicos, sumos de folhas, temperos, grãos cozidos e pilados, marcas corporais chamadas de “cura” que são específicas de cada nação e raiz - retroalimentadas compartilhadamente com os assentamentos e o acervo ancestral da casa. Corporeidade envolve o preceito que cumprimos para as obrigações, a consulta prévia ao oráculo para procedimentos cirúrgicos, bem como para aplicação de tatuagem, e tudo aquilo que envolve nossos corpos. O debate sobre doação de órgão é amplamente complexado pois envolve o corpo, ancestral, da pessoa iniciada. Muniz Sodré (2002) relaciona corpo com território quando diz que está é uma delimitação invisível do espaço que acompanha o indivíduo, sendo capaz de se expandir ou contrair-se de acordo com a situação.



O corpo também tem relação com personalidade conforme Nei Lopes cita no seu livro *Banto, Malês e identidade negra* de 1988 na página 126 quando recita um sociólogo togolês Amewusika Kwadzo Tay (1984):

o conceito de personalidade africana, tal como elaborado por filósofos africanos, compõe-se de quatro elementos: o **corpo** (invólucro corporal); o **princípio biológico** (órgãos internos, sistemas automáticos e psicossomáticos); o **princípio de vida** e o **espírito** propriamente dito, substância imortal. (TAY apud LOPES 1984 p.126)

É possível descrever nossos corpos com 4 dimensões:

1 – Corpo Psicofísico, é corpo humano como matéria psicobiológica.

2 – Corpo Coletivo – surge a partir da iniciação como um corpo (des) construído na civilização afrobrasileira.

3 – Corpo Ancestral – é o nosso corpo em contato com o sagrado, com as condições sobre humanas, é a interação com energias diversas que resulta no transe em alguns momentos.

4 – Corpo transformado – surgiu pós morte física – biológica, lyatundele²⁶ como dizer que “a gente não morre e sim só deixa de ser visto” contínua como ancestral que abrange o corpo coletivo, o psicológico, bio-ancestral. Sim, por que nós iniciados, após falecimento continuamos. Para sermos agora cultuados de outra posição; perspectiva – agora pertencendo ao acervo ancestral/antepassado do terreiro, pós-morte física, com direito a uma casa específica, oferendas, cantigas e assentamento (*kunda*).

Entretanto, a tensão em torno da preservação da vida e da necessidade de alimentação, cria um aspecto que entrelaça cada membro da comunidade em torno de uma responsabilidade por uma vida boa, para fazer ‘fazer valer a pena’, provocar a morte a animal- ou de qualquer outro ser vivo, como os vegetais e minerais que, para essa maneira conceber a realidade, são todos vivos, falantes e conscientes. ” (NASCIMENTO 2016, p 69)

²⁶ Tata Iyatundelê, Sr. Honorato Cosenza, é um consagrado Tata Pokó da casa de Mametu Nangetu, iniciado por Tatetu Jorlando Kiagunsu.

Percebe assim um pacto entre sujeito – ora coletivo, comunidade, natureza e ancestral sobre a Terra. Que é um elemento mágico, mãe de todos os africanos. Vivemos com e para terra - é fonte de riqueza no sentido mais amplo. Não atoa somos feitos dela segundo várias tradições africanas. Quando morremos nossos corpos voltam para alimenta-la. Por isso não somos cremados pois seria o mesmo que desrespeitar a grande mãe e acelerar um processo que diz respeito ao Sagrado ancestral somente - intervir no tempo de existir e viver não é papel ou capacidade humana e sim divina. Isso remete aos valores civilizatórios: Ancestralidade, tempestividade (movimentos da natureza ou que fogem ao controle humano) ou rugosidade – diz respeito ao tempo de vida e existência material.

A corporeidade está estreitamente ligada à musicalidade – nossos corpos em movimento. Poucas vezes presenciei no candomblé frases, rezas faladas sem melodias. A primeira etapa do contato com a civilização ou encontro com a ancestralidade é no sentir a música e expressar com a dança e canto. Nossa tradição além de cultuar ancestral, é corpórea por que passamos a vida preparando o corpo para isso – com transe ou não a dança é civilizatória assim como a língua e o pensar. No candomblé para cultuar ancestral se aprendi a falar, cumprimentar, cozinhar e comer, pensar, dançar e cantar - temos cargos e funções específicas de cantadores, tocadores, mas a dança é comum a todos. **Todo Ancestral Dança!** Inclusive os cargos como Kambandu, Kota, Yamoro, Ekedji, Ogan não estão restritos a isso. Maior prova é que são trazidos, apresentados à comunidade acompanhados de Nkisi dançando.

Sem música não há cerimônia.

Ogan Banjo²⁷ D`Omolu (em memória)

O iniciado pode até não gostar de corporizar mas afirmar que seja algo restrito a homens “rodantes” ou mulheres ao meu ver é mais uma expressão da colonialidade nos terreiros – importante lembrar que em prática existe lugar, momento e cantiga **específica** para todos dançarem. Ter *humbê* é saber a hora que vai dançar e para quem, respeitando os mais velhos e mais novos sempre. Candomblé não é local para ter pressa, é importantíssimo ter diplomacia nas relações e esperar quem passa,

²⁷ Mestre Banjo, nascido na Bahia e morou por décadas em Belém – PA, iniciado para o orixá Omolu por Cícero de Xangô (em memória).

come ou tem prioridade para determinada dança. Mais novo não passa na frente de mais velho sem consentimento do mesmo.

A musicalidade e a corporeidade se encontram no **rum**, na dança de um ancestral nas cerimônias de Candomblé, na ida para o banho litúrgico, na saída de uma **muzenza**, no balanço de um **ajarí ou kaxixi**, no toque de um atabaque, na barra de uma saia, na batida dos pés no chão quando o atabaque maior é batido.

A musicalidade e a Corporeidade estão na cintura de uma sambista no carnaval, no rebolado de um dançarino, na jinga da capoeira, no tocar de um **birimbal**, na batida de um pandeiro, no sacudir uma cabaça, na congada, no carimbó, no frevo, no maracatu, no toque de uma alfaia e no balanço das árvores. Não importa se africanos ou afrodiáspórico, se somos homens, mulheres, de primeira, segunda ou terceira idade a dança faz parte de um processo comunicativo, corpóreo e ancestral.

Reparemos que o Homem Africano pertence a tudo isso, a vitalidade pode vir de nós mesmos, da natureza e/ou de nossos ancestrais, lembrando também que todos somos ancestrais vivos, ou um resultado biogenético-ancestral. E falando em vivos a morte também é fonte de ancestralidade, sem ela ancestral algum existiria. Conforme descrito por Jacques Maket (1966, 153-155) Apud Nei Lopes, quando diz que a morte é um estado de diminuição do ser. Acredito eu que se refira ao *ser físico-corporal*, porém, este morto continua a influenciar a vida cotidiana entre os vivos. Segundo o autor, o morto que não deixa descendentes está condenado à degradação final – morte definitiva.

Mas, afinal, o que movimenta o mundo? O que nos faz caminhar sobre a terra e sobreviver sobre as situações mais adversas? O que move a natureza e seus fenômenos? Por que mesmo com morte física podemos influenciar ainda a vida dos vivos? Essas e outras questões fazem parte do mistério da vida, que além de tentarmos responder, também nos inspiramos e buscamos essa energia vital em toda nossa cosmologia ou tradição, sem dúvida, o Bantu vive para isso, através disso e por isso – vitalidade. Conforme cita Jacques Maquet (1966, 153-155) apud Nei Lopes (1988, Pg. 123).

O princípio fundamental segundo o qual todo ser é força é a chave que dá acesso à representação do mundo dos Lubas. Todos os seres (espíritos dos ancestrais, pessoas vivas, animais

e plantas) são sempre entendido como força e não como entidade estática. (MAQUET apud LOPES, 1988, p 123)

Os terreiros de Candomblé são conhecidos popularmente como roças, locais de trabalho em diversas esferas sobre a terra, o pilão, o tecer, o tocar, o cozer, etc. não há espaço para trabalho desnecessário ou não trabalhar. É através desse modo de vida tradicional que Placide Tempels (1906-1977) esclarece sobre os Bantu:

(...) os bantus dizem que seu propósito é obter vida, energia ou força vital, viver vigorosamente, que aquelas sirvam para fortalecer a vida ou assegurar que a força permaneça ininterruptamente na posteridade do indivíduo. (TEMPELS 1977, p. 01)

Muitas dessas fontes de vitalidade já foram comentadas durante o trabalho. Assim faço um destaque para essas abaixo:

O **corpo (Muntu)** tem relação com nascimento (princípio de vitalidade) e dele os sistemas cujo fazem parte de um todo processo dinâmico meta físico. Mas há partes do corpo ou sistema que se não fossem elas a vida ou a morte seria impossível. A cabeça (Mutue) como foco ou direção de tudo pois ela é fonte de ideias e propósitos – se morrermos hoje o que fica são nossas realizações resultado do que vem de nossas cabeças/mentes. Por isso associam a cabeça a fonte e irradiação de energias ancestrais. Assim, o viés da coletividade é condição de existência para o africano.

Já sabemos que nós africanos temos soberania alimentar. Saber o que ofertar e para quem, onde, como e por que comer são pressupostos para a dinâmica dos rituais e das relações humanas-ancestrais. Comemos no sentido de repor substâncias bioquímicas, mas também compartilhamos dessa vitalidade ancestral – daí consideramos como fonte de energia vital o **estômago** pois é onde se transformam de maneira compulsória tudo que recebemos, que nosso corpo recebe. E sempre o primeiro a receber forças junto com a cabeça. Por isso os Minkisi como *Pambu Njila, Kavungo e Kitembu* (relacionados a **terra** em quanto fonte de matéria prima e aquela que recebe tudo) são relacionados com essa parte do corpo.

Wanderson Flor do Nascimento (2015, p 64) explana muito bem essa relação fome, fartura, equilíbrio entre nossos corpos e acervos ancestrais nas dinâmicas de terreiro.

Há para as sociedades tradicionais, uma total aversão à fome e a falta de alimentos, o que indicaria a desordem das forças vitais do mundo. Neste sentido, a ideia de fartura é um importante indicador de um bom funcionamento das forças vitais no interior das comunidades tradicionais e no mundo em geral. (NASCIMENTO 2015, p.64)

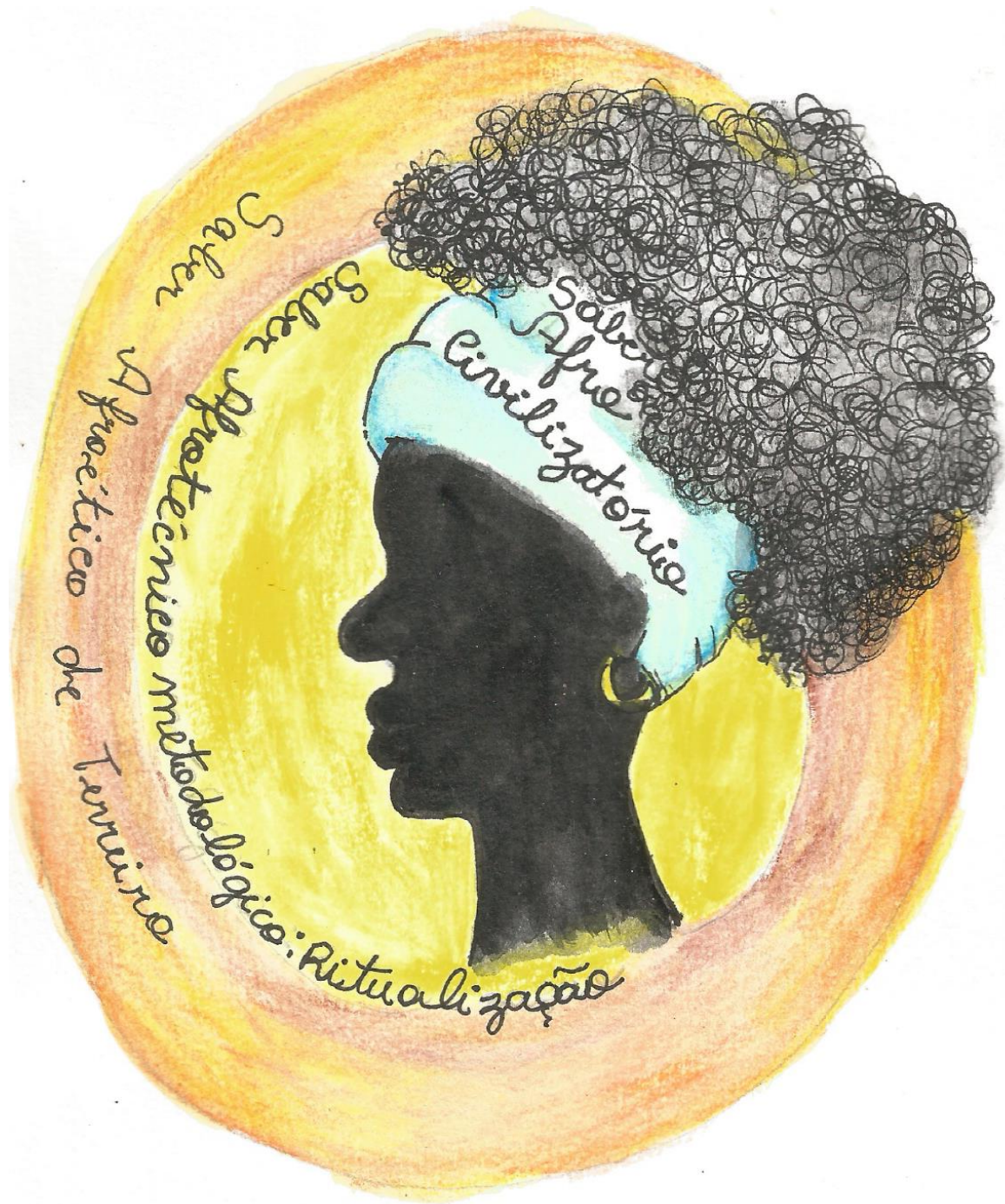
Pelo visto existe uma tríade na natureza que “comanda” todo ser vivo animal: O **Muxima** (coração), **Mutue** (cabeça) e o **Fundu** (Estômago), são compulsórios, intransferíveis e fontes de identidade, pois tem relação com o sentir, saber e ser que define cada um de nós como singular. O **coração** é um órgão impressionante – nós o sentimos, sabemos onde está, mas não o tocamos e muito menos o escolhemos durante o nascimento, e que não dorme, é um músculo que bate dia e noite. Existe fonte melhor de vitalidade? Quando estamos acordados ou dormindo, segue um ritmo, uma musicalidade que nos permite viver e sentir!

O Coração, Cabeça e estomago são uma parte física (de um todo metafísico), um conjunto de sistemas que chamamos de corpo humano. Quando nós estamos em suprema felicidade, significa que estamos revigorados e equilibrados, porém, quando há adversidades, que se resume para os bantus, em redução de energia ou desse poder, as partes físicas se manifestam de outras formas conforme citado por Placide Tempels (1906-1977) essas enfermidades são causadas por:

qualquer doença, ferida, aborrecimento, todo sofrimento a depressão ou fadiga, cada injustiça ou fracasso, é considerada e descrita pelos bantus como uma diminuição da força vital. (TEMPELS; 1977, p. 02)

Por isso há sempre uma expectativa enorme e infinita sobre os rituais de oferenda, sejam de sangue ou também chamada oferta de “*comida seca*” que são aquelas sem acompanhamento de animais para o abate. Assim, há regras e princípios para seguir e pratica-los, é premissa ou condição para conseguir vitalidade, força vital, Força Coletiva ou Clímax.





Capítulo 3 O círculo do conhecimento Ancestral Afrobrasileiro

É tanta gente espiritualizada e que nasceu pronta, com dons memoráveis, que nem necessitava estar na terra. Já evoluiu... Sacrifício é para os fracos. Babá Neto de Oxun - 2017, Bahía. Jeje Savalu.

Com o passar dos anos percebi que haviam níveis diferentes de comportamento dentro e fora de terreiros, entretanto, aprendi depois com uma série de experiências em rodas de conversa, que na verdade são grandezas de conhecimento ancestral civilizatório transmitidos ao longo dos séculos pela diáspora via África-Brasil através de saberes perpassados pela oralidade.

Uma roupa, um assentamento, um alimento, um falar ou pensar são resultados de vivências e modos operacionais retroalimentados por ensinamentos circularizados em terreiros. Esses saberes na sua maioria são materializados através de processos de iniciação e ritos de passagem - somos todos sagrados, pois somos parte de um todo cosmológico, sem auto decisão, parte de um acervo ancestral, quando alguém é iniciado, ele (re) nasce para uma civilização (re) criada e adaptada com intuito de resistir e reexistir em um “novo” mundo, a questão abissal em volta disso é: o que recebemos em uma iniciação ou rito de passagem? O que representam os animais, as joias, as roupas, as ferramentas como facas, sinos e fios de missangas? Os assentamentos e as marcas corporais permanentes? É fato que não somos os mesmos depois de uma iniciação, por isso respondo a essas perguntas dizendo que devemos nos conscientizar do que recebemos em um ritual de candomblé e o que inclui um volume afetivo pois somos cuidados como fetos.

No trecho abaixo, Hampaté Bã (1980, Pg. 184) nos ajuda a compreender uma outra perspectiva sobre a iniciação, sobressaindo da ideia banal de que se trata de um caldeirão, com uma receita de preparo, e um “ajuntamento de ingredientes mágicos” como Mestre Jayro Pereira, costuma comentar em rodas de conversa.

Iniciação o fará descobrir a sua própria relação com o mundo das forças e pouco a pouco o conduzirá ao autodomínio, sendo finalidade última tornar-se ... um homem completo, interlocutor de *Maa Ngala* e guardião do mundo vivo. (Bâ 1980, p.184)

Há vários mestres que comparam o *Bakisi* (quarto sagrado de iniciação) com a barriga de nossa mãe, onde somos alimentados constantemente sem fazer esforços físicos, ou passar por desgastes mentais - apenas dormimos, rezamos, alimentam-nos, e tomamos banho. Perpassados por um volume ancestrálico nutrido por pensamentos e desejos dos mais velhos, energias de folhas e banhos, frutas, roupas e diversos alimentos obtidos de oferendas às entidades. Tudo se torna assim sacramentado, sagrado por um longo processo de trabalho espiritualizado com todo um grupo de pessoas e acervos ancestrálicos. No fim de tudo recebemos um volume material - joias, assentamentos, roupas, acessórios e um nome denominado de Dijina. E o principal que é o reconhecimento perante à(s) comunidades, de que aquele é um novo ser, um membro, um sacerdote. Assim inicia-se o processo de pertencer, Saber e Ser Afrodescendente, Negro, de Terreiro Afrobrasileiro - Ter **Runbê!**

O segredo do velho não se compra com dinheiro, mas com boas maneiras.

Provérbio Bafur²⁸

Humbê (hùngbé) é a comprovação de que ancestralidade, pela ótica afrobrasileira, transcende qualquer território-lugar, vai além de espaços físicos. É uma forma de pensar, ser, pertencer, comportar-se - é termo de origem *fongbe* reproduzido nas casas de candomblé.

Já vi várias versões para origem do termo *humbê*. Dizem que é o mesmo que receber cargo; alguns conceituam como a língua sagrada e secreta dos Voduns; que se trata de um preceito realizado no quarto sagrado; ou ainda seja um conjunto de regras, convenções sociais, para convivência em coletividade.

Na minha história *Humbê (hùngbé)* se trata de regras, conjunto de valores para praticar o culto às divindades/divindades, e isso está relacionado diretamente com a língua, com a fala e nossos atos na vida cotidiana. Por isso, compreendo que quando dizem que tomar *humbê* é receber cargo ou passar por um preceito no quarto

²⁸ Hampaté Bâ 1980, p. 201

sagrado. Ninguém nasce falando, além de termos divindades que regem a boca - passar a falar é um ato ritualístico. Pois é resultado de todo um processo de ensinamento dos mais velhos. Em roça de candomblé tem hora, local e forma de falar. Tomar *rumbê* é deter a língua no sentido mais amplo possível, é sagrada, pois comunica-se diretamente com as entidades. Logo trata-se de todo um acervo ancestral de confluência cultural e social vinda de várias regiões africanas. Ou seja, vai além de um manual de conduta, pois está relacionado a vivências repassadas e reproduzidas entre um povo. E só aprende quem está dentro, quem é iniciado, e principalmente, quem convive. Candomblé por ser uma tradição bastante complexa não dá margens para se ter *humbê* em 21 dias. Relaciona-se com comunicação - assim sendo tem ligação multidimensional pois tem relação com o **som**, o **gesto**, o **signo**, o **físico** e o **significado** para um povo.

Daí a importância de se afirmar o *humbê*, pois ao longo de séculos o povo de terreiro tem sofrido com o **semicídio** – homicídio sobre os signos e representações (linguísticas ou não) dos africanos.

Do *humbê* percebi o quanto a África “Ameríndia” ou reconstruída é civilizatória. Foi quando me surgiu as grandezas de conhecimento interligados: Conhecimentos Normativos - Afro-ética de Terreiro; Saber civilizatório e Saberes técnicos-metodológicos: ritualização.

Conhecimentos Normativos - ética de terreiro

É relacionado com o tempo imediato, diz respeito as regras de convivência, a linguagem, rezas, o vestir, etc. Essas normas sociais são implícitas, pois as pessoas sabem e ensinam, educam os mais novos sem precisar ler ou escrever em algum local - um dos nossos valores civilizatórios é a Oralidade.

O Primeiro dia em um terreiro de candomblé: Cumprimentar

A primeira vez que entrei em um terreiro de Candomblé foi com poucos dias de nascido, após chegar da maternidade, a entidade Mutakalombo manifestou-se através de meu Pai Angelo Falodê (em memória) e me apontou para o cargo de Kivonda (sacrificador, aquele que alimenta as Divindades), desde então, vivo para os Minkisi (plural de "Nkisi", termo Bantu). Os meus primeiros ensinamentos foram de respeito as divindades, eu compreendia que isso era valor ético, mas não o bastante, eram necessários outros conhecimentos para me relacionar com o sagrado. Daí aprendi a rezar, cantar, entrar no quarto e outros espaços sagrados, e noções de línguas africanas pois haviam muitas "nomenclaturas" no dia a dia - como *kivonda*, *inzo*, *menga*, *batula*, *kandombele*, *makó*, os próprios nomes das entidades e principalmente como falar com eles e as pessoas da comunidade.

Recebemos uma grandeza civilizatória nos primeiros dias de terreiro, e parte dela são as formas de se cumprimentar o sagrado - que inclui os mais velhos, as árvores, os animais, assentamentos, elementos da natureza como o vento, sol, lua, nuvem, estrelas, galo, etc. E o primeiro sinal de cumprimento são as "bênçãos" - Conforme varia a família e origem étnico racial do povo que frequenta e sustenta o terreiro a ela muda.

Nação Angola

Pergunta Mukuiu? / MokoIU?

Resposta Mukuiu nzambi / mokoIU nzambi.

Pergunta Kozandio?

Resposta Nzambi Utala.

Nação Jeje

Pergunta Kolofé ?

Resposta Kolofé Olorun.

Nação Ketu

Pergunta Motumbá?

Resposta Motumba axé.

Nação Jeje

Pergunta Aó?

Resposta: Aó tin.

Pergunta: Deloemi?

Resposta: Sekonsu naponsi.

Todas essas perguntas e respostas são acompanhadas de movimentos com a palma da mão em direção a pessoa ou se curvando mostrando o mutue.

Além das louvações, contemplações ou invocações através das palavras - o movimento bucal que emite sons, existem ainda os gestos, é comum presenciarmos dentro de terreiros pessoas deitando no chão aos pés de outras pessoas e assentamentos, é o famoso "dobá" ou brasileiroamente falando "bater cabeça".

"Bater cabeça" é um dos atos, na minha opinião, dos mais simbólicos nas culturas afrobrasileiras, porque exercita a humildade (terra; criatura que fica no chão; nascido da terra). O povo de terreiro não faz nada que não louve a terra. Acredita-se em vários

povos que viemos e somos feitos de terra. É comum por exemplo os restos de frutas e animais - aquilo que não é utilizado ser enterrado. Quando estamos animados ou incorporados com ancestrais ficamos descalços para ter contato direto com a terra pois ela é fonte de riqueza, de trabalho é dela que viemos e nos sustentamos. Em nossa cultura submeter-se ao elemento terra é abraçar a ancestralidade. Por isso batemos cabeça - é um sinal de encontro com a massa de origem. É como se eu dissesse para "quem" bato cabeça que faço isso com a mais profunda sinceridade pois estou indo ao chão em contato com a terra e meus ancestrais. É como se eu me entregasse por total à determinada causa. Outra perspectiva ensinada em alguns terreiros é de que quando ponho minha cabeça no chão eu estou admitindo minha limitação perante o próximo.

Há quem diga que esse ato seja uma herança árabe pois ao bater cabeça ou encostar a cabeça, testa e nariz, no chão - quando alguém faz isso no candomblé, aos pés de outra pessoa este lhe retribui com três toques nas costas, com a mão direita, seguidos de três toques na própria cabeça do lado direito também. Os mulçumanos fazem algo parecido em qualquer local seja mesquita, em casa ou na estrada é comum pararem de viajar e rezar certas horas do dia. Mas é fato de que por cabeça no chão é um movimento comum em vários locais na África. É assim surge uma outra faceta desse ato que é a ideologia do Afrocatolicismo – essa ideia da pessoa ou entidade “bater cabeça” para outra pessoa é vista como submissão. Afinal, qual o sentido de uma entidade, de um Nkisi deitar-se aos pés de um humano, de alguém vivo>

Conforme fui crescendo meus mais velhos me deram consciência da roupa que eu deveria usar na condição de não ser iniciado na tradição do candomblé ou como kambandu suspenso (apontado para o cargo). Para que eu pudesse circular nos locais onde tinham altares ou durante as liturgias a premissa era uma roupa de ração e um fio de contas branco celebrando o Nkisi Lembá - é a entidade que rege nossa cabeça antes, durante e depois do nascer e morrer; e também era à quem meu Pai fora iniciado. Após alguns anos passei a usar fio de missangas rajado de vermelho, preto e branco devido ao Nkisi que eu carrego **“Kafunge”** – entidade medicante que auxilia na cura de doenças físico-psíquicas.

Mas assim como em qualquer tradição ou grupo social antes das pessoas se integrarem socialmente me lembro de inúmeras vezes de meu Pai Falodê me ensinar

a chegar em qualquer terreiro e pedir licença arrastando um pé de cada vez por três vezes ou simplesmente batendo-os por três vezes. Lembrando que local sagrado é todo aquele que remete a espiritualidade, religiosidade ou ancestralidade. Portanto um terreiro de candomblé, uma igreja, um cemitério, um centro espírita é espaço sagrado mesmo que não seja de origem africana. Não atoa é muito comum candomblecistas quando entram em correntes de oração, ritos diversos, acabam com suas entidades se manifestando em seus respectivos filhos/médiuns. Todo local tem dono não importa onde for devemos pedir licença. Em terreiros de tradição afrobrasileira é comum antes de entrarmos nos espaços físicos bater os pés, bater palmas em sequência (famoso makó ou "paó") e tocar uma vez no chão e depois três vezes na cabeça do lado direito (dizem ser herança árabe). Mentalizando palavras como "agô" (*âgò*=calma, desculpa ou licença), "malembe" (com o tempo se ressignificou como perdão, desculpa. Mas na verdade muitos terreiros traduzem como *manso, devagar.*), licença, etc. Perdão em Kimbundo se traduz como *Kuloloka*.

Por fim, esses atos também são repetidos antes de entrarmos em locais naturais também como florestas, praias, rios, mares, etc. Pois são moradas ancestrálicas... cada elemento da natureza é manifestação de um Nkisi.

Tem Morador
De certo Tem Morador
Tem Morador
De Certo tem Morador
Cancela que o Galo Canta
De Certo Tem Morador.²⁹

Bom depois que aprendi basicamente a entrar nos lugares, ensinaram a me alimentar. Aí entra um dos atos mais sagrados que eu considero. Que mais envolve valores civilizatórios africanos! A alimentação....

²⁹ Cantiga entoada nos Festejos de Povo de Rua como Tranca Ruas, Mulambos e Padilhas.

Sobre Comer

Não há orixá como o estômago, pois recebe sacrifícios diariamente.

Mãe Stella de Oxóssi.

Em terreiros de candomblé senta-se em uma esteira, põe-se o prato de ágata com o alimento na esteira entre as pernas, bate-se *makó* (palmas) depois reza-se. É comum algumas casas de angola rezar e fazer o sinal da cruz³⁰ com o prato nas mãos, oferece o alimento do mais velho ao mais novo em idade de sacerdócio, depois de alimentar-se, reza-se em agradecimento e bate-se *palma* novamente. Esse processo varia de família ou nação, em alguns casos o iniciado come com as próprias mãos.

É importante notar que assim como em outras culturas, no candomblé também há fundamentos na hora de alimentar-se. Desde o preparo das comidas até servir-se. Alimento também é um campo de pensamento e afirmação vasto no mundo todo, nós africanos temos soberania Alimentar. E no candomblé come-se em recipientes de ágata, barro, folhas de *mamona* ou *carrapateira* (*Ricinus communis*), *bananeira* (*Musa cavendishi*; *Musa paradisiaca*; *Musa sapientum*), *mostarda* (*Brassica juncea* (L.) Coss), *folha de cuia/cuieira* (como é chamado na região amazônica - *Crescentia cujete*), cabaças ou cuias, a louça ou vidro fica restrito aos mais velhos nas ocasiões públicas em algumas casas. Com o alimento se canta, reza, toca, oferece. Não adianta oferecer e não servir ou compartilhar o que é sagrado aos irmãos todos sentados em círculo. Em terreiros tudo é alimentado além dos assentamentos divinizados - nossos corpos, nossas cabeças, a terra, as arvores, as portas, cumeeiras, nossas roupas, nossas joias, etc. Tudo se torna então um território sagrado, divino, ancestrático. Percebemos isso no cheiro da defumação, nas árvores frondosas visíveis de longe, na farinha fina temperada com dendê na porta do terreiro, nos muros pintados de branco, na bandeira estirada no alto, nas pessoas vestidas caracterizadas geralmente de branco. Resultando em um espaço sagrado de pertencimento e reencontro com África.

Existem alimentos que são transversais, se “universalizam” na boca do povo - aqueles que não há variações no seu resultado final do preparo. Na forma de se preparar há

³⁰ Observar que o signo da cruz para os africanos não é o mesmo dos cristãos.

várias maneiras, e até mesmo nos ingredientes tem variações. Porém em qualquer casa de candomblé que visitamos eles estarão ali reconhecíveis pela “aparência”, forma, sabor e conteúdo. Cito-os alguns abaixo:

Acaçá

Pipoca

Omolokun

Padê

Acarajé

Canjica

Nesse estágio a afro-ética ou ética de terreiro é o que está mais relacionado com *humbê*. Pois é desenvolvido no cotidiano nas relações de terreiro. Um membro, sacerdote, um irmão nascido em terreiro e tem *humbê* é aquele pede licença antes de entrar, baixa a cabeça para falar com os mais velhos; se curva ao transitar na frente dos atabaques tocando; aquele que toma a benção de seus irmãos na entrada e na saída de terreiro. É quando agradece a comunidade com benções, gestos e até mesmo batendo cabeça no chão. Quando encontra seu lugar nas rodas durante o candomblé; lembra dos seus irmãos na hora de servir-se dos alimentos; sabe seu lugar na hora de sentar e deitar; respeita a fauna e a flora; as crianças, os jovens e os anciãos; aquele que se comunica com as divindades e isso inclui de o "simples" vestir-se, conversar, cantar, rezar, ofertar e até mesmo consultar as várias formas de oráculo disponíveis como búzios, nós de cola e cebolas.

Ter *humbê* é levar consigo esses conhecimentos para o mundo a fora afirmando o qual povo pertence. É respeitar os mais velhos, mais novos, vivos e mortos - existir em equilíbrio.

Sobre o Vestir

Observando e até frequentando outras filosofias, vi que isso é levado muito a sério, pois distingue e define o propósito de cada pessoa, percebi isso na maçonaria onde o mestre maçom se veste diferente do aprendiz maçom – recém iniciado, assim como na igreja católica, onde é nítida a diferença de vestir de Padre, Cardeal, Bispo ou

Papa. É até uma negligência pensarmos que nas tradições de origem africana seriam diferentes. Homogeneidade não é regra no candomblé embora ocorra.

Os cargos se vestem diferentemente e são relacionados ao sexo biológico: Masculino e feminino e a entidade do qual fora iniciado. Assim como em outras culturas no Candomblé há parâmetros, formas de se vestir conforme idade de santo, sexo, e cargo sacerdotal. Isso fica a critério de cada família, pois há muitas questões a serem levadas em consideração como o processo histórico da casa, cultura e membros que a frequentam. Mas para quem está iniciando no sacerdócio é necessário questionar-se quais os paramentos do dia a dia, como se veste um **Tatetu/Mametu ria Nkisi**, conhecido como Pai ou Mãe de Santo, um **Kambandu** – homem sem manifestação de Nkisi, uma **Kota** mulher sem manifestação de Nkisi, Manganza – homem ou mulher que manifesta Nkisi porém com direito de orientar os mais novos e ajuda-los no seu desenvolvimento. Um **Muzenza** – homem ou mulher iniciada em fase de aprendizagem e preparo ao sacerdócio. Ou **Ndumbe** – alguém ainda não iniciado, uma devota ou devoto com propensão ao sacerdócio.

Em nossos corpos, além da roupa há outros itens que nos identificam: as joias. No candomblé existem uma infinidade que variam conforme região, origem étnica e tradição da casa:

Hunjevi - herança Jeje no candomblé com missangas cor de vermelho vinho, e intervalos de corais da mesma cor. Um *hunjevi* varia entre 21 a 44 intervalos e entregues ao iniciado que paga obrigação de 7 anos de iniciação, um rito de passagem onde o neófito passa a ser visto como adulto. Em algumas casas é restrito pessoas iniciadas e rodantes e em outras é direito de *Tata Kambandu e Kota* também. Porém na nação Jeje é pertencente a pessoa desde sua iniciação. Logo, não é apenas uma conta de afirmação, posição hierárquica ou de grau.

Kelê/Migui - Colar 14 ou 16 fios de missangas com intervalos de 3 ou 7 cabos/firmas ou búzios. É uma joia que varia conforme o Nkisi/Orixá, casa e nação. O *kelê* é utilizado na iniciação e demais obrigações como 3,7,14 e 21. Na nação Angola, homens e mulheres não rodantes também usam.

Alabastro - um colar branco feito de um mineral usado por filhos de Lembá.

Fio de ian - missangas pequenas com as cores do Nkisi de iniciado, é de uso doméstico. **Delegun** - 7 fios de missangas da mesma cor e um fechamento apenas. Geralmente usam 2 no pescoço, cada um Representando os dois primeiros Minkisi do iniciado.

Monjoló - 7, 14, 21 fios de missangas de mesma cor com intervalos de cabos ou fechamentos que variam de casa ou nação entre 14, 16 ou 21.

Laguidibá – existem das cores branca e preta. É uma joia usada por alguém que já tenha recebido cargo ou, no mínimo, se tornado um Maganza – mais velho. É originalmente feito de chifre de búfalo e restrito aos iniciados para os Minkisi Kavungo, Nsumbu, Kafunge, Kingongo, Ntoto, etc. – todos entidades relacionadas a terra.

Brajá - colar de búzio trançado usado por filhos de Nzumba, Hongolo/Angorô, Lumbundu, Nsumbu, etc. Lembram escamas de cobra e são relacionados a riqueza pois são feitos de búzios, elemento que remete a riqueza, dinheiro ou movimentação.

Mokan - são dois braceletes trançados de palha da costa e ornamentados com 4 ou 3 búzios. Em volta dos búzios são costurados missangas da cor que representam a divindade do iniciado.

Senzala - corda trançada de palha da costa em formato de coroa e nas extremidades há uma ponta de palha da costa representando palha de vassoura.

Contra Egun - Fios trançados de palha da costa usados nos braços.

Umbigueira - fio trançado de palha da costa usado na cintura.

Xaorò - seria algo semelhante a sinos ou guizos como alguns chamam amarrado com fio trançado de palha da costa.

A vestimenta varia conforme a posição organizacional do iniciado, que vai desde a roupa de ração branca- usada durante rituais não festivos. Calça e Bata no comprimento entre cintura e, no máximo, até o joelho, acompanhado de um *gobí* (chapéu curto, sem aba, sempre ouvi falar ser herança islã) e uma joia como o *hunejevi*, *monjoló* e fios diversos. Há também casos onde usam calça, camisa social branca, paletó e boina branca. A gravata varia da cor branca até a cor representante da entidade do Terreiro.

As mulheres nos dias festivos vestem a tradicional roupa baiana, *monjoó, ian, hunjevi*, etc. ou ainda o Zinguê (corda trançada de palha da costa, substituindo o sutiã)

Os recém iniciados, que manifestam Nkisi e que ainda não receberam cargos ou não detêm conhecimento, experiência para guiar os mais novos – o **Muzenza** usa sempre o *mokan, senzala, delegun, ian*.

Os devotos com propensão a iniciação ao sacerdócio também exercem seu direito de vestir e identificar-se com o fio de conta de missangas com a cor branca, sem firmas e com um fechamento da mesma cor do Nkisi regente da casa, geralmente. Andar descalço deveria ser uma prerrogativa de toda casa de Candomblé, em muitas roças essa regra ainda é seguida. Mas com o passar do tempo isso ficou a cargo apenas dos mais novos constantemente e para os mais velhos somente em ritos fechados.

Percebemos pelo modo de vestir que há muita diferença, de maneira organizada, nas casas de Candomblé, entre as pessoas que ali frequentam. Todos são ancestrais, parte de um todo. Mas o condicionamento entre devoto e iniciado – sacerdote deve ser levada em consideração. Afinal, o fato de frequentar uma casa não o torna iniciado ou com o direito de exercer um cargo. O devoto é alguém passivo na tradição, ele ajuda a construí-la ou mantê-la de maneira bem indireta, este não ritualiza, pois não passou por preceitos iniciáticos, por isso não compreende o processo de culto a Nkisi, porém isso não é critério para deixar de cultua-lo, desde que seja orientado devidamente, ele pode praticar fora do terreiro, mas, com o sacerdote e iniciado há constante mudança, este perpassa por ritos, é alguém ativo que coordena, ritualiza e materializa a tradição. É alguém que tem conhecimentos e preparo para cozinhar, servir e levantar oferendas, e nesse processo é devidamente preparado para realizar cerimônias públicas e fechadas bem como suas intercorrências.

Saberes técnicos-metodológicos: ritualização - trabalho tradicional como meio de vida e morte

Diz respeito ao desenvolvimento de trabalho propriamente dito, às engrenagens. É quando botamos a mão na massa e construímos nossos corpos ancestrálicos.

Apesar de não ser exatamente este o foco do livro vou exemplificar de forma sucinta como acontece a pratica de candomblé no dia a dia. Foram citados anteriormente alguns exemplos de oferendas, tais como:

Acassá, Pipoca, Omolokun, Padê, Acarajé e Canjica.

Até este momento já abordamos o ato de cumprimentar minhas mães e irmãos, as maneiras do vestir, de entrar nos locais, também é necessário aprender a rezar conforme a raiz de candomblé na qual está inserido – Aqui nesta etapa falaremos sobre a cozinha para Nkisi, no ato de cozinhar enquanto metodologia do viver muito importante na rotina de um terreiro.

Existem outras dezenas de oferendas que afirmam nossa soberania alimentar, mas o meu foco será em torno destas citadas. Em 15 de setembro de 2006 foi aprovada e sancionada a Lei n.º 11.346/2006, também conhecida como Lei Orgânica da Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN), que estabelece as diretrizes para a criação e o funcionamento do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN) e assegura a população brasileira a realização do Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA).

A segurança alimentar e nutricional consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentável. (LOSAN art.3º)³¹

³¹ Ver Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006

Antigamente muitas roças de candomblé eram autossuficientes pois o critério para serem plantados e fundados era o terreno grande e fértil, com o passar dos anos a urbanização crescente trouxe a especulação imobiliária, crescimento de condomínios horizontais e verticais tem dificultado o surgimento de casas tradicionais com área verde, direito a acesso a fontes de água corrente, implantação de poços, ervas, árvores de pequeno e grande porte frutíferas, criação de animais caprinos (bodes e cabras), ovinos (ovelhas), suínos (porcos) e até bovinos (bois e vacas), aves (pombos, galinhas, galos, faisão), testudíneos (cágados, jabutis, tartarugas), dentre outros animais, o problema do espaço urbano tem descaracterizado o candomblé de capitais para o praticado em áreas interioranas ou periféricas, levando os membros de candomblé a dependerem cada vez mais de mercados, feiras e bosques diversos para a compra de materiais, animais, folhas e ervas litúrgicas.

No Canto do Galo, primeiras horas da manhã – Ida à Mata

O primeiro local de destino para produção das comidas de um terreiro é a mata, área verde que tenha disponibilidade das folhas e também ervas para banho.

Não se pode esquecer que antes de entrar em terreiro e iniciar os atos ritualísticos é necessário estar com o corpo “limpo” através de banhos feitos com ervas frescas colhidas no dia. Inicia-se assim o processo logístico dentro e fora da roça de candomblé.

Para o preparo das comidas serão necessárias folhas e ervas para o banho e a cama, essa energia vegetal exige ritos específicos de coleta, horários restritos como amanhecer preferencialmente, ou entardecer com instrumentos específicos (balaios, quartinha de barro com água, facas e tesouras, lençol branco, etc.), ir na mata não é como ir ao shopping, tem horário e roupa adequada – só se colhe o necessário, antes de entrar tem cantiga específica, para colher as folhas e para sair também com o dever de agradecer aos **Senhor das folhas – Katende e Mene Panzu** através de oferenda com comida e bebida.

De volta ao terreiro há procedimentos na porta do barracão, assim como, com as folhas coletadas – pois não é aconselhável direcioná-las diretamente para os rituais,

os galhos, raízes, sementes, flores tem destinos diferente dentro dos terreiros - Em candomblé só se colhe o necessário, nada se estraga e tudo se aproveita!

De todas as simetrias do Candomblé existem 3 divindades que atravessaram o oceano e se afirmaram em grande parte do continente americano, principalmente **América Latina** que são ***Pambu Njila, Nkosi e Lemba***. Seus arquétipos ou signos no Brasil são um dos mais clássicos exemplos de espelhamentos nos terreiros de candomblé, em qualquer rito ou roça haverá a primeira oferenda; a primeira farinha de mandioca temperada com dendê para o *Sr. Dos Caminhos*, representado pelo falo e assentado geralmente na entrada dos terreiros; um inhame ou animais para o *Sr. Ferreiro* do trabalho e da transformação; e muita canjica dentro e fora do terreiro para o *Sr. Mais velho* sabedor das ciências e das forças da natureza.

O pressuposto para o preparo de qualquer alimento tradicional inicia-se na adesão dos materiais listados abaixo. Além de outros itens indiretos necessários para “arriar” uma obrigação de santo que variam conforme a casa, raiz, nação e objetivo de determinada oferta. Neste caso, não há nada específico, a ideia é apenas explanar e exemplificar o quanto cada detalhe é importante, e a complexidade acerca das tradições africanas no Brasil de culto aos Ancestrais.

Essas iguarias fazem parte de um imenso acervo de oferendas compostas por elementos de origens diversas, para essas e outras energias. A citar como:

Padê

Ingredientes:

Farinha de Mandioca Fina

Dendê, Água, Cachaça

Folha de *mamona* ou *carrapateira*.

Preparo: Farinha de mandioca fina, a cada tempero separa-se duas mãos de farinha e coloca-se no alguidar ou prato de barro. Dependendo da indicação forra-se com folhas. No exemplo em questão forrado com folha de *mamona* ou *carrapateira*. OBS: Tem gente que faz padê com outros temperos, eu já vi preparos de farinha fina misturada até mesmo com pó de carvão ou o *Waji*.

Doburú

Ingredientes:

Milho de Pipoca

Coco seco ralado

Folha de carrapateira ou mamona

Estoura-se o milho de pipoca e põe-se no alguidar ou tabuleiro forrado com folha. E cobre-se com coco ralado ou em tiras – para estourar a pipoca pode ser usado diversos temperos entre eles o Azeite, o dendê, óleo de babaçu ou somente na areia de praia.

Acarajé

Ingredientes:

Camarão e cebola batido

Feijão Fradinho triturado

Dendê para fritura

Folha de mamona ou carrapateira

Bate-se ou pila-se o Camarão seco com cebola, depois mistura-se com cebola moída ou pilada também. Seis horas antes disso o feijão fradinho ou da colônia é pilado seco para depois ser depositado de molho na água. Após isso são peneiradas as cascas do feijão, e posteriormente coado para misturar a massa do feijão com a pasta de camarão e cebola. Em seguida O dendê é colocado ao fogo em alta temperatura para fritar a massa de acarajé moldada com a colher de pau. Durante a fritura tem que ficar com coloração avermelhada, então é retirado, esperar esfriar e servir na gamela de madeira ou recipiente de barro forrado com folha de mamona.

Omolokun

Ingredientes:

Feijão fradinho cozido

Camarão e cebola batido.

Ovo cozido

Folha de cuia; folha da bananeira ou folha de mamona

Coloca-se o feijão fradinho por duas horas de molho, cozinha-se até ficar ao ponto e posteriormente mistura-se com camarão e cebola, ambos triturados ou pilados. É servido no recipiente de louça ou barro forrado com folha. Os ovos são cozidos e descascados posteriormente para enfeitar o prato – a quantidade de ovos varia conforme a pessoa e as intenções da oferenda.

Ebô

Ingredientes:

Milho Branco

Algodão

Folha de algodão ou folha de bananeira

Coloca-se de molho o milho branco e depois cozinha-se. Após chegar ao ponto, escorrer e servir em recipiente de louça ou barro dependendo das intenções, forrado com folhas. Após isso, cobrir com algodão e regar com mel. A canjica pode ser coberta com outros itens como frutas, folhas da costa, de algodão, etc. dependerá das intenções ou instrução do jogo de búzios.

Acassá, para todo o acervo ancestral

Ingredientes:

Milho Branco pilado

Folha da Bananeira

É feito com a canjica que é preparada para diversos fins e escorrida. Da água que sobra prepara-se o acassá.

A água vai para o fogo e mexida até engrossar com textura de mingau. Há casas que misturam farinha de milho fina, outros pilam o milho branco até o pó e misturam. Já vi fazerem com pó de arroz também. Após o preparo sair de fogo é exposto para esfriar, pois facilita na hora manipular o material.

Enquanto esfria a massa de acassá, pega-se folha de bananeira e corta-se do talo e a folha é levemente assada no fogo – após isso ela deixar de ficar quebradiça e fica maleável. Depois enrola-se a massa na folha em forma de pirâmide para servir. O acassá é um dos alimentos transversais e pluriversais no candomblé – é uma

oferenda com diversos fins em qualquer terreiro é preparado por primeiro após o padê, pois com ele é feito sacudimentos, oferendas, firmamentos, etc.

Todo mundo come Acassá!³²

Se observarmos todas as oferendas citadas anteriormente, são forradas com folhas no recipiente do qual são servidas que podem ser de madeira, louça ou barro. Preparadas preferencialmente por pessoas iniciadas com a finalidade de cozinhar para o Nkisi. Cada item descansado, cortado ou pilado, lavado e cozido, quando necessário, e temperado com várias opções dependendo das intenções: açúcar, sal, mel, azeite de oliva, óleo de dendê, cebola, camarão, gengibre, nós moscada ou pimenta da costa. Variando de casa, da cerimônia, da entidade e das diretrizes do oráculo (em muitas referências bantu o oráculo é chamado de *Ngombo*. Porém entendo que se trata de um complexo sistema que no Brasil não foi mantido. Na maioria das casas de Candomblé é aperfeiçoado e sistematizado o *Merindilogun*, cuja origem, citada em terreiros, vem do antigo reino de Oyó, hoje situado na Nigéria). É interessante saber o dia, a hora, local de se compartilhar tais oferendas e os devidos preceitos.

³² É uma frase muito conhecida dentro dos terreiros de Candomblé.



Saber Civilizatório Ancestral: A nossa relação com os mundos.

Aqui compreendemos o porquê de tudo, é quando achamos explicações afrodiaspóricas em nossa cosmologia e filosofia. É o que eu chamo de **Salto Civilizatório** para mudança política, social e tradicional de terreiro. Aqui deixamos de ser mágicos de uma rede industrial religiosa para sermos referências ancestrais e também mudança na vida das pessoas - sermos projeto de vida.

Vamos morrer mas devemos continuar vivos nos corações e na mente das pessoas, isso é o que chamamos nos valores civilizatórios de Memória Ancestral. É o existir, é o ser e pertencer mesmo após morte física!

O Candomblé através de um sistema de crença: Os Mortos e suas diversas manifestações.

Santo é Caminho. E um caminho sempre leva a outro. (Tata D'oxá)

Nossa tradição é iniciática, mas não obrigatória, para cultuar Nkisi e demais manifestações, porém, é necessário que o devoto tenha acesso a saberes e **vivências** em meio a uma comunidade. Mas, nem sempre quer dizer iniciação, e o fato de não o ser iniciado, jamais o torna menos ou mais africano, ou ainda o subtrai qualquer propósito de vida/morte. O fato de ser iniciado no culto ao Nkisi Nkosi, por exemplo, apenas o dá passaporte para o culto em determinados espaços ou lugares.

O transe ou manifestação físico-corporal-psicológica de certas energias, chamado também por alguns de incorporação ou o “*virar*” – é uma característica que nos diferencia. Aqui há materialização da crença, também.

Temos tanta consciência de que a morte física não é o fim de tudo, que chegamos ao ponto de celebrarmos isso. Vigoramos e revigoramos constantemente em nossas vidas, desde o nascimento. E se pararmos para analisar brevemente, perceberemos que não haveria tradição e culto a certas energias se não morrêssemos. Somos MORTAIS – e vivemos isso a ponto de contemplarmos a cada incentivo em qualquer ato, gritamos “Ngunzu! Ngunzu! Ngunzu!” = Força! Força! Força! Assim, nosso sistema de crença interliga vivos e mortos, os meios somos **nós mesmos** e a natureza – aqui envolve os astros, os reinos vegetais, minerais e animais, etc.

Somos de uma tradição onde a Cabeça e Corpo = pessoa, é ponto de partida para todo processo de culto ancestral. Não atoa isso está refletido em um acassá, uma bolinha de farinha, em assentamentos, e principalmente no nosso processo litúrgico de iniciação onde ocorre a pintura, raspagem e “*abertura de cura*” da cabeça. Assim, precisamos **repensar** essa concepção de que Nkisi ou Bakulu são centro do culto, ou ainda como diz meu amigo Babalawo Valnei³³: “orixá como início, meio e fim”. Essa ideia, pode até não ser sistematizada ou verbalizada nos terreiros, mas em prática cultuamos a nós mesmos, nossas cabeças, perpassados por um valor civilizatório de Coletividade envolvendo mortos, vivos, as próximas gerações e toda a natureza do qual pertencemos.

A Ideia de Nzambi e sua cosmogênese se fortaleceu muito com o sincretismo ou com a expansão do **Afrocatolicismo** (enraizamento do pensamento católico nas tradições africanas de terreiros). Onde há essa preocupação com origem da vida ou juízo final (fim da vida). Mas, se em nossa concepção Nzambi é a massa ou a energia de origem, logo não há ou existe fim ou vazio, apenas transformação enquanto natureza.

Nzambi Apungo é um mistério, uma entidade não espelhável, embora, diga-se ser, onipresente, que dele nascem ou provem força para movimentar e gerar os reinos animais, vegetais e minerais em movimento contínuo, no entanto, não há relatos de culto como oferendas ou rezas específicas diretamente a ele no Brasil, mas acredito que a dinâmica cosmológica ancestral nas tradições Africanas é interdependente, logo, não um “alguém” independente que criou todo o “resto”. Pelo contrário, há ações

³³ Valnei Ifawomon Viana é sacerdote do culto Afro-cubano, residente no Rio de Janeiro.

e reações, em conexões, tal qual natureza – Nkisi é natureza, relacionados tanto quanto vida e morte.

os mortos também são parte da comunidade e assim como os orixás, voduns e inquices, tem funções na mesma, comem e festejam com ela. Este aspecto está ligado com a cosmologia que não pensa a pluralidade de mundo. Há um mundo só e todos estão presentes, de modos diferentes, nesse mesmo mundo. E o mundo é repleto de comunidades familiares distintas, mas relacionadas (NASCIMENTO 2016, p. 158)

Espirito é aquilo que anima o ser vivo, sobrenatural, ente imaginário, ser de um mundo invisível, Ar, sopro, Respiração, hálito, essência, etc. Existem uma infinidade de manifestações ancestrais religiosas no Brasil entre terreiros de tradição afrobrasileira como *Candomblé, Umbanda, Tambor de Mina, Jurema, Pena e Maracá, Xambá, Catimbó, Omolokô, Kimbanda*, entre outras que se afirmam país a fora com suas crenças, línguas, liturgias, cantigas e rezas.

Nos terreiros de Candomblé de Angola, ou de origem Bantu aqui no Brasil são conhecidas diversas manifestações de espiritualidades. Compondo assim um sistema de crença que envolve:

Nzambi Apungo – Força genética ou matriz energética, corrente e inacessível diretamente enquanto ritualização, porém, comum a todos e sem assentamento ou casa própria, muito menos incorpora-lo no corpo humano – pois ele já está em tudo em todos os reinos animais, vegetais e minerais de forma interligada.

O termo **Nkisi** (plural **Minkisi**) é provido de vários sinônimos entre os povos bantófonos, o mais conhecido aqui no Brasil é o termo **Akixi** (**Mukixi** plural) – ambos conotam ou traduzem-se no português como: energia, feitiço, amuleto, gênio, força, etc.

Nkisi – “não bebe e não fuma”, é um ancestral divinizado por ser capaz de comunicar-se com energias da natureza e suas manifestações ou estágios, como o pôr e o nascer do Sol; a Lua nova e cheia; o vento; a terra seca e molhada; água do rio, do oceano, da cachoeira, da fonte d`água, das ondas, da chuva; do fogo da brasa até o calor do sol de meio dia; raios; trovões; arco-íris, etc.

Chamados também de espíritos ou gênios da natureza, são detentores de vitalidade e são elos de ligação entre Nzambi e Homens, vivos ou mortos, ou ainda, são

considerados espíritos de tempos remotos fundadores de comunidades ou cultos à fenômenos da natureza.

Nvumbi – antepassado, espíritos dos mortos, diz respeito a família sanguínea e aliança ancestral que envolve relações de terreiro entre pai, mãe e irmãos de santo ou de iniciação, logo, é de caráter local e relacionado com a hereditariedade para os seus descendentes. Os terreiros de candomblé são divididos por casas ou quartos de santo de acordo com a finalidade ritualística ou morador ancestral. Existe a casa de Caboclo, quarto onde ficam os Minkisi, Casa de Nvumbi, quarto de iniciação. Em alguns terreiros existem quartos específicos para cada energia, como por exemplo, quarto de Pambu Njila, Casa de Lemba, etc.

É para o quarto de Nvumbi que vai o material, particular e individual dos membros falecidos da casa, e serão homenageados desde o rito funerário como o Mukondo e Ntambi. A partir de sua *passagem* ou morte física, e nos demais anos seguintes. Ou seja, o culto a Nvumbi é caracterizado hoje, através daquele teve morte física conhecida e que ainda tem ligação com os vivos através da memória daquela casa ou raiz. São os mais semelhantes ao ser humano vivo, também conhecidos como **Bakulu**, protetores da família, não se suicidaram, viveu até velhice e deixou grande descendência. Há ainda os **Nkita**- Espíritos de pessoas que foram assassinadas, **morta** em guerra ou suicidadas. E **Simbi** são os encantados, cultuadores de Nkisi (Nganga).

Os mortos estão melhor que os vivos. Eles estão fora do tempo e em meio às maiores riquezas. E dispõem de um poder que lhe permite comandar a natureza e os homens. De sua aldeia, situada sob o leito dos rios ou no fundo dos lagos, eles podem sair para se misturar aos vivos, sem serem vistos e orientar o curso dos acontecimentos. (LOPES 2005, p. 55)

Kafioto, Kauele ou popularmente chamado de “Erê”. É representação infantil do Nkisi do iniciado que assume um papel social e espiritual. Cultuados aqui no Brasil, exercem a função da comunicação entre Nkisi e os demais membros do terreiro. Geralmente são associados também ao Nkisi Nvunji, e são agraciados em diversas cerimônias durante o ano, onde são ofertados doces diversos. Principalmente no dia seguinte a festa de iniciação, em uma cerimônia chamada de **“Kitanda do Erê”** onde é preparada uma cabana e o Erê senta em volta das comidas e os membros do

terreiro pagam com presentes e até dinheiro para apreciar as iguarias que compõem a mesa. Isso tudo através de cantigas e rezas para Kafiotó.

Caboclos (Marujos, Índios, Boiadeiros) São ancestrais da terra, na maioria não tem parentesco, logo, qualquer pessoa brasileira pode ter ou recebe-los. Não tiveram morte física definida e seu tempo de existência **não** é remoto como do Nkisi, mas também não chegam a ser contemporâneos como de Nvumbi. O Culto a Caboclo é riquíssimo Brasil afora, e no Candomblé de Caboclo possuem rezas, assentamentos específicos e cantigas onde dezenas são contidas de palavras em português, indígenas e africanas (Yorubá e Quimbundo).

Os Marujos, protagonistas das famosas cerimônias denominadas de “**Marujadas**” são ancestrais manifestados aqui nessa terra (Brasil ou Novo Mundo), mas nem todos são nativos do Brasil – muitos se intitulam portugueses, ou seja, de origem europeia. Encantados pelo elemento água doce ou salgada, portanto prestam culto às divindades relacionadas com tal elemento da natureza como Ndanda, Samba Kalunga, etc. O Arquétipo de Marujos possui várias “figuras” míticas conhecidos por aí como Seu Peixinho do Mar, Marinheiro Fernando, Seu Basílio, Marujo Saldanha, Martim Pescador, etc.

Seu Manado que Vem de Lisboa
Que Beleza nas ondas do Mar
Eu vim pelo Mato Negro
Em cima da Pedra uma Pomba Real³⁴

Os índios também chamados de Caboclo de Pena, Juremeiros ou da Mata são ancestrais da nossa Terra - Brasil associados aos Minkisi Nkosi, Mutakalombo, Katende e até mesmo Kavungo. Seus Fetiches estão ligados às matas, florestas, aves, cobras e outros fenômenos da natureza como rios e cachoeiras. São heranças étnicas indígenas por isso afirmam alguma identidade ameríndia como Guaraný, Aimoré, Tupinambás, etc. Existe uma infinidade de índios Brasil afora, também com muitas figuras míticas conhecidas como seu Tupinambá, Seu Cobra Coral, Seu Sultão das Matas, Seu Gentileiro, Seu Sucuri, Seu Pena Branca, Seu Pena Verde, Seu Araribóia, Dona Jurema, Dona Jussara, etc.

³⁴ Cantiga entoada no Candomblé de Caboclo ou Marujadas, tocada no ritmo Barravento.

Aimoré Moré moré moré...

Zuará Caboclo Lindo

Sucurí é o Apanaiá

Arreia Caboclo Arreia

Seu Sucurí é de Lembá³⁵

Os Cabocos Boiadeiros assumem o arquétipo dos Senhores da Terra e do Gado, apelidados também de Caboclos de Couro, associados a cultura de sertão seu fetiche está ligado a terra, ao sol, a lua e ao gado. São ancestrais contemporâneos, não tem morte física definida também. Cultuados em todo solo brasileiro, no Candomblé de Caboclo há várias figuras conhecidas como Seu Boiadeiro Navizala, Seu Zé Ceará, Seu Lage Grande, Seu Boiadeirinho, etc.

Ele é vaqueiro

Ele é vaqueiro da minha boiada

Ele é vaqueiro, capangueiro, juremeiro

Ele é boiadeiro da minha boiada³⁶

Povo de Rua (Seu Tranca Rua, Dona Padilha, Dona Mulambo, João Caveira, Seu 7 Encruzilhadas, Seu Tirirí, etc.). São energias de origens geográficas diversas como Brasil, Espanha, Portugal, França, dentre outros países, manifestam-se em diversas tradições afrobrasileiras. Nos terreiros de candomblé de Angola, são manifestações espirituais de origem contemporâneas ou não, apesar de serem confundidos com a divindade *Pambu Njila* – estes apenas são relacionados. Povo de Rua contempla *Pambu Njila* ou o Orixá Èsù (Exú) dos yorubanos mas não o contrário.

Preto Velho manifestação de antepassados africanos que assumem o arquétipo de senhores e senhoras anciões. São poucos os terreiros de candomblé que mantem seu culto, mas é muito adorado entre os Umbandistas e demais tradições afro brasileiras, figuras míticas como Pai Joaquim, Vovó Conga, Vovó Baiana, Pai Sebastião, etc. São associados à figura arquetípica do Ancião, logo trazem relação com cura físicas, espirituais e mentais através de conselhos e trabalhos com ervas.

³⁵ Cantiga do Caboclo Sucurí, ritmo Kongo, entoada nos Candomblé de Caboclo ou de Juremeiros.

³⁶ Cantiga de Boiadeiro, ritmo Barravento, entoada nos Samba ou Candomblé de Caboco.

Tiveram morte física desconhecida durante a escravidão ou a diáspora africana, logo não são contemporâneos.

Bahia ou África

Vem cá vem me ajudar

Nega Baiana

Nega africana

Vem cá vem me ajudar ³⁷

³⁷ Cantiga entoada nas festas de Preto Velho, Ritmo Kongo.



Entidades Afrobrasileiras: Nkisi Multifacetado

Certa vez me perguntaram: O que era Nkisi afinal de contas? Respondi de algumas maneiras, mas essa pergunta me deixou reflexivo por anos até organizar as ideias sob **três** perspectivas e percebi a complexidade acerca das energias espirituais, e vi o quanto podem ser **multidimensionais**.

Filosoficamente porque se tratam de princípios e valores, de ideias que transcendem épocas e espaços. Cada Nkisi é provido de um signo, de um princípio, de primordialidade como sexualidade, vitalidade, feminilidade, masculinidade, dinamicidade, equilíbrio, etc. aqui a ideia é comportamental, procurar entender qual o intuito de cultuar um caçador ou um guerreiro.

Ecologicamente e **biologicamente** porque toda cosmologia africana bantu é substanciada ou fundamentada na biológica ancestral. Todos vivem em simbiose (vivos, mortos e natureza) e Nkisi é manifestação dessas naturezas de modo transformante – assim da chuva e do sol nasce o arco-íris. O Culto a Nkisi é culto a Natureza e seus reinos.

Sociologicamente porque toda sociedade ou civilização tem modo de organização, assim, todos têm propósitos ou ofícios. De tal modo transcorrem por caçadores, ferreiros, agricultores, curandeiros, reis, rainhas, etc. e que um dia terão morte física.

Uma observação a ser feita nessa dinâmica é que todos nós temos corpo (**Muntu**), Mutue (Cabeça), ancestral Masculino, Ancestral Feminino, Antepassado, Propósito e Nkisi. Toda a liturgia Afrobrasileira no Candomblé é cercada por esse sistema, de maneira orgânica, implícita ou explícita, portanto, variável de pessoa para pessoa.

Meu Pai Zacarias de **Oxossi** uma vez me disse:

Meu Filho, todos temos Pai e Mãe. Você e suas irmãs vieram do mesmo útero, foram criados juntos na mesma casa, comendo da mesma panela. Mas vieram ao mundo com propósitos e estão nele com identidade distintas – Só pode ser “coisa” de Ancestralidade que nos faz diferenciar. “

Nkisi teve vida terrena, em tempos remotos (não contemporâneos) e tiveram habilidades extremas ou excepcionais sobre a caça, pesca, guerra, liderança, medicina, magia, intelectualidade, agropecuária, cura e etc. e que por alguma razão extra-humana foram deificados e cultuados durante gerações, por serem considerados mais próximos das divindades, das forças da natureza ou ainda porque estabeleciam comunicação com os “deuses”, logo, tiveram morte física desconhecida, e são ancestrais comum a todo ser humano vivo, ou seja, brasileiro, africano, ou de qualquer origem geográfica carregam uma ancestralidade que poderá ser identificada em qualquer jogo de búzio (oráculo). São energias comuns e compartilhadas entre famílias, tribos e nações pois são divinizadas por energias naturais – o sol, a lua, a chuva, a terra, a água, o fogo, o vento é comum a todos nós.

Assim sendo, o culto às entidades afrobrasileiras é dinamizado por vivos, mortes e reinos animais, vegetais, minerais em conjunto. Desdobrando-se em manifestações da natureza e ancestrais, logo, seguem a **biológica**; lógica da natureza; e resultam em uma relação **bio-ancestral** - esta não é linear no sentido de seguir uma reta com dois polos ou duas extremidades exatas, pelo contrário, tem ondulações, variações como as cores, temperaturas e sons. Olha-se para o palpável e o não palpável, de cima a baixo, de esquerda e direita, curvas, um caminho sempre leva a outro. Nesse contexto, as entidades brasileiras são multifacetadas, o que deixa o Candomblé mais complexo ainda.

No Brasil há um acervo de divindades iniciáveis, conglomeradas entre 16 e 18 ancestrais “maiores”. Ou seja, em terreiros de candomblé cultua-se de *Pambu Njila* à *Lemba* e **sob** esse conjunto de Minkisi (plural de Nkisi) há muitas outras entidades formando assim o que é chamado por alguns de clãs ou famílias.

Pambu Njila, Mavambo, Malungu, Mavile, Kijanja.

Nkisi que assume arquétipo do guardião, do forasteiro, é relacionado a transformação, a fertilidade, aos movimentos e aos caminhos - É estreitamente ligado aos seres humanos (que também é uma expressão da natureza), por seu arquétipo e símbolo de corporeidade humana, o falo masculino. Suas cores variam entre vermelho, preto, branco ou azul. É sempre o primeiro louvado no culto, pois é uma divindade de território, de dinâmica e conexão. Que perpassa por tudo, apesar de ligada ao fogo e

à terra, é primordial, que constrói cultos, por isso é louvado em qualquer momento ou rito. Seu principal alimento é a farinha de mandioca e o dendê, mas é um Nkisi que recebe qualquer oferenda. Para se alcançar qualquer força ou ancestral é necessário um caminho e ali está Pambu Njila. Seus animais emblemáticos são o cachorro, cobra e pássaro.

Nkosi, Mukumbi, Jambá, Roxi, Dilê.

Divindade que tem o arquétipo do ferreiro, tão cultuado em várias civilizações. Aqui no Brasil assume vários papéis como agricultor, guardião, caçador, guerreiro, forjador, etc. Suas cores são variantes entre o azul, verde e vermelho. É muito comum em suas oferendas encontrarmos itens como: grãos e inhame, em alguns casos come carne crua, em outros come caça e até o peixe. Seu domínio na natureza está no elemento terra, e seus animais representativos são cachorro e leão.

Nkosi, na minha opinião, é um dos ancestrais primordiais no Candomblé, pois além de assumir um papel social-cosmológico, também exerce uma importância histórica relacionada ao desenvolvimento humano e da tecnologia na África:

A história propriamente dita começa com utilização de objetos de ferro, e nisso os africanos foram pioneiros. Durante milênios, eles foram os grandes ferreiros na história da humanidade. Ferreiros e oleiros forjaram os utensílios que abririam enormes perspectivas do progresso: as ferramentas. (BOTAS, 1996 p. 19)

Ao contrário do que se vê hoje em dia, o ferreiro é venerado e não desprezado na África. Conforme Hampaté Bâ (1980 p.187), entre os Bambara o qualificam de o “Primeiro filho da Terra”, manipulador de forças misteriosas e detentor da forja sagrada.

Mutakalombo, Gongobira, Kabila, Bulungunzu, Tauami, Kambaraguanji

Arquétipo do Caçador, suas cores variam entre Verde e o branco. É uma entidade que pode se apresentar como caçador, Pastor, Curandeiro, Líder de Aldeia, etc. em suas oferendas principais estão carne e grãos. Seus domínios na natureza são pássaros e répteis, seus símbolos envolvem arco e flechas, lanças e até mesmo espingardas. Tem grande ligação com Terra e Água.

Katende, Mene Mpanzu.

Signo do curandeiro, divindade relacionada ao conhecimento das folhas, árvores, raízes e responsável pela proliferação das matas. Representado por um pássaro. Suas cores variam entre verde e branco. As ferramentas são a lança e cabaças e tem profunda relação com a terra e o ar. Mene Mpanzu é uma divindade relacionada ao “espírito” das árvores, cultuado na mesma família de Katende.

Kavungo, Kingongo, Nsumbu, Kafunge, Kassuenzo, Ntoto.

Entidade medicante relacionada à cura de doenças psicológicas e físicas, um de seus símbolos é uma lança relacionada à ancestralidade, ou à guerra propriamente dita. Suas oferendas principais variam entre pipocas e grãos – também tem culto relacionado a agricultura e ligação com o Nkisi Kitembu. Suas cores variam entre Vermelho, Preto e Branco. Profunda relação com a Terra e suas profundezas, fogo e sol. A cobra é um de seus animais emblemáticos.

Kitembu

Nkisi que rege as condições do tempo que influenciam nas colheitas. e por serem os bantu, povos agrícolas, consideram-no o rei da nação. Kitembu é uma entidade medicante relacionada ao tempo e aos ventos. Popularmente também chamado de “kitempo” ou Sr. Tempo. É muito comum ouvir em rodas de conversa a seguinte expressão “... *deixe que tempo é Rei de Angola*”.

Hongolo; Hongolo Mean ou popularmente chamado de “Angoro”; “Angoro Meia”.

Signo da Cobra e sua complexidade. Divindade do Arco-Íris, tem profunda relação com a chuva, os ventos e a luz do sol. Suas cores variam entre verde e amarelo. Representado por lanças, búzios e cabaças. Hongolo tem ligação com movimento transitório na natureza, dualidades e princípios como macho e fêmea, alto e baixo, novo e velho, vida e morte.

Kuiganga

Ancestral ligada ao ventre feminino antes do início da ovulação, representada pelas cobras que são capazes de gerar ovos e chocá-los dentro do próprio corpo, portanto é aclamada pelo arquétipo da cobra fêmea. Em seu culto é obrigatório ter búzios,

cabaças, etc – tem relação com a vida intrauterina, sua escuridão e as trompas. Sua representatividade está no arco-íris e na neblina. Suas cores são amarelo com vermelho, cinza com branco ou verde e amarelo.

Nzazi, Luango, Tere Lumbundu, Lombô

Nkisi regido pelo fogo sobrenatural que vem do Duilo (céu) até o lungu (terra), cuja representação maior se dá através do raio. É a divindade das pedras ou do reino mineral. Veste branco com vermelho, somente vermelho ou somente o branco.

Ndanda, Kisimbi, Kisanga

É o Nkisi que rege a fecundidade, seja humana ou não. Representada pelo arquétipo de grande mãe como geradora, do ventre, da fonte d'água. Lidera as funções fisiológicas femininas, menstruação, gravidez e parto por isso em seu culto, nas suas representações, nos assentamentos, nas esculturas é muito comum haver imagem de uma mulher grávida. Suas cores variam entre o branco, amarelo ou rosa. Os animais representativos vão desde aves diversas, inclusive galinha d'angola, cobras, etc.

Kukuetu, Samba Kalunga, Kaia; kaiaia.

É o Nkisi que herda o signo da mãe como reguladora da maternidade e da educação familiar. Aquela que alimenta e dá caminho – é muito representada por uma mulher com seios longos. Aquela que rege após o parto. Seus animais representativos são os peixes e corujas. Suas cores variam entre branco, cristal cor de água, verde ou azul.

Kaiangu, Matamba, Bamburusema.

Entidades do movimento; dos ventos e das tempestades. Guerreira relacionada ao movimento do fogo, dos ventos, das chuvas e tempestades. É um nkisi ligado a transformação, passagem, mudanças, normalmente ligada ao evento da morte física. Kaiangu é relacionada ao solo, ao calor da nata da terra, associada ao vulcão, relacionada com a divindade Ntoto. Suas cores estão entre o branco, marrom ou vermelho. Os animais representativos estão entre corujas, búfalo, etc.

Vunji

Signo dos gêmeos, muito cultuado em várias tradições no mundo, representam a primeira fase da vida – a criança e sua vigoridade, é grande fonte energia vital; de Ngunzu. Representam a continuidade, o amanhã. Por não ter maturidade acabam se tornando destemidas – por isso muito aclamada nas causas urgentes e impossíveis. Fundamento com Nkisi Kisanga. Suas missangas são representadas pelo colorido ou a dualidade do verde e amarelo. Há terreiros que cultuam como Nkisi masculino, outros como feminino ou também como um Nkisi dubio com duas formas de manifestação que exige muitos cuidados durante a iniciação.

Nzumba

Entidade, senhora da ancianidade, da transformação, circularidade e da sapiência. Habita a terra molhada – matéria primordial para o desenvolvimento humano.

Mama Nzumba tem relação com a vida cíclica, por isso tem relação com Lemba. É concebida também pela lua e suas fases. Logo, tem relação com o fenômeno das marés, ou seja, terra molhada no fundo ou na beira do rio, pela chuva ou nos campos de agricultura – assim é também ligada com a fertilidade, prosperidade e celebrada em festas de colheita. Suas cores variam entre o branco, azul ou lilás. Seu signo tem conexão com animais como coruja, cobra e caracol.

Teleku Mpensu

É um pescador jovem que explora fronteiras. Assume também o arquétipo do caçador novo. Tem ligação com a potencialidade e a puberdade – portanto relacionado a mudança. É aquele que anda sobre água e sobre a terra – Adora a carne e o peixe além de frutas. Seus animais emblemáticos são peixe e aves. Suas cores variam entre o verde e amarelo ou somente o verde.

Kassulemba, Lembá, Kassuté, Indo Indo, kutango, Lembadinganga, Fulama, Lemba Dilê, Ndundu, Jakatamba;

É o Nkisi da astúcia, aquele que detêm o saber tradicional de uma aldeia, de um povo. Por isso representado pelo arquétipo do “Senhor com idade avançada” ou rugosidade, “fragilizado” pela idade física, mas com saberes e a intelectualidade resultado de suas experiências de vida - É um dos Responsáveis pela educação dos mais novos. Sua

cor é a junção de todas as outras – o Branco. É um Nkisi que rege várias fases da vida e papéis sociais que incluem agricultura, caça, guerra e feitiçaria. Divindade que tem relação com a continuidade das coisas, portanto sua veneração atua sobre a vida e morte – por isso louvado em ritos de iniciação e póstumos. O inhame é um dos seus alimentos e domina o Ar e a Terra. Seus animais emblemáticos são cobras, abelhas; aves como coruja, beija flor e galinha d`angola. É um Nkisi que tem relação com a energia do sol, sendo assim louvado no amanhecer ou entardecer.

É o homem mais velho da linhagem mais antiga. Ele representa o fundador da aldeia e, por isso, deve guardar consigo a pemba e a tacula p das quais vêm a força para comunicação com os ancestrais e as divindades – para atrair as chuvas, as boas colheitas, a boa caça e a fertilidade das mulheres. (LOPES 2005 p.66)

As divindades **iniciáveis** aqui, tornaram-se o que chamamos hoje de *caminhos* – ou seja, outras dezenas de arquétipos cultuados em terreiros. Cada uma entidade com cores, paramentos, oferendas, liturgias que seguem a estrutura ritualística do Candomblé, mas que em determinados momentos seguem particularidades variando de raiz e o iniciado. Além delas existem aquelas outras **não-iniciáveis**, que são cultuadas ou louvadas nos ritos durante vida e morte como Nzambi, Nvumbi, Ntoto, Ayzan, entre outras.

Esse processo de aprendizado é resultado de uma série de fatores históricos culturais entre etnias e famílias em contato no Brasil durante e após escravidão. O candomblé é um movimento **político, interétnico articulado**, pois, pessoas de várias origens interagiram sob as mesmas condições históricas.

É **(trans) étnico**, pois de modo geral todas as nações e casas afirmam e reproduzem valores litúrgicos de suas próprias origens como também herdaram ou acolheram divindades/entidades (espelhadas ou negociadas), costumes e pensamentos de outras culturas distintas - ao mesmo tempo que se combinam em simetria; em proporção; em sincretismo (entre povos africanos) com a teologia e ritualística, pois nas três nações cultua-se a cabeça como centro de energias, o Sr. Dos caminhos, do ferro, da caça, das folhas, do nascimento, da lama, das águas, da cura das doenças, da pesca, da guerra, da chuva, os mortos, etc. com ambos de maneiras diversas.

É **civilizatório** pois toda essa confluência resultou no que chamamos essa manifestação cultural, de Candomblé com cultura e pensamento próprio seguindo uma extensa linha de ritos de passagem do nascimento, iniciação, obrigações de 1,3,7,14, 21 anos e rito póstumo.

Por isso, após exposto toda essa dimensão e contexto. As energias se tornam multifacetadas, transversais. Transitam em terreiros de diferentes raízes e nações, se manifestam pela oferenda, canto e a dança.

Era comum há alguns anos, por exemplo, tocarem o toque *adarrun* no ketu com **os três atabaques** e todos iniciados independente de idade ou nação “virarem”. Ou quando o **Vodun** de determinado iniciado com idade avançada de iniciação se manifestasse – todos os demais **Minkisi** ou **Orixás** respondiam. Os próprios ritos fúnebres por exemplo são considerados grandes convenções coletivas, local de intercâmbio entre povos distintos – canta-se em ritmos e línguas de Angola, Ketu e Jeje.

Etnologicamente essas manifestações ancestrálicas do Candomblé podem até ter origem distinta, mas aqui no Brasil, nesses espaços essas manifestações compartilham valores, sendo assim, não importa o espaço geográfico ou origem dos elementos, é costume tê-los, tais como: milho branco, pipoca, farinha de mandioca fina temperada, acarajé, feijão fradinho (*Vigna unguiculata*) temperado com camarão e cebola; dendê/Ndende (*Elaeis guineensis*), mel e azeite de oliva; galinha d’angola (*Numida meleagris*), bode, pombo, pato, galos; esteira de palha; folha da costa, de Akoko (Newbouldia laevis), Bananeira (*Musa cavendishi*; *Musa paradisiaca*; *Musa sapientum*), Aroeira (*Schinus terebinthifolius*) e Peregum (*Dracaena fragrans*), etc; joias como *hunjevi*, *kelê*, *mokan* e *senzala*; frutas como *nós de cola* (*dikesu*); tubérculos como inhame; velas, lenço branco, cabaças e recipientes de barro, palha e sabão da costa; pós como Waji (*Philenoptera cyanescens*), *Osun* (*Baphia nítida*) e *Efun* (retirado de várias fontes na natureza como arroz, calcário, tabatinga, ossos, etc.)

A morte E seus rituais³⁸

Só sabe tudo quem já morreu.
Tatetu Falodê, Angelo D`oxá.

Um paradigma que devemos quebrar sobre os mortos é o preconceito com relação ao fenômeno da própria morte, e que possivelmente todos nós seremos "espíritos zombeteiros". O que **não** é verdade, pois a morte é um processo comum a todos, iniciados ou não, africanos ou não, a ideia de luto para nós é distinta do que pensam os cristãos, por exemplo, é contraditório pensar que em vida tratamos os vivos como irmãos (sejam eles iniciados ou não) e posteriormente se tornarão zombeteiros, tormentos, ou algo do gênero, ao meu ver, isso foi mais uma marca da interferência de outras culturas em nossas tradições. Nos terreiros existem vários títulos para identificar aqueles que tiveram morte física: nzumbi, defunto, nvumbi, Egun ou egúngún, bakulo, entre outros. O mesmo vale para ritos funerários e de culto a antepassados.

A premissa básica sobre **Ntambi** e **Mukondu** é de que o primeiro é um rito fúnebre, ou seja, relacionado com o desencarno imediato não previsto - falecimento, e trabalho sobre o corpo físico do falecido e seus pertences sacralizados como roupas, jóias e assentamentos, e o **Mukondo** já tem relação com a elevação do falecido, divinização e culto ao então antepassado com datas específicas de culto.

Mukondu é um rito de celebração aos nossos antepassados, onde se faz um agrado a eles por todo seus feitos, ideias, projetos, heranças resultando em uma memória coletiva acerca do iniciado que fez sua "passagem". Existem vários dias durante o ano que se podem praticar essas celebrações como o dia de finados; dia de falecimento do primeiro falecido do terreiro; primeiros dias após virada de ano no calendário; etc.

Alguns zeladores de terreiro consideram os Bantu, como um "povo de lucidez" sobre essas questões de espiritualidade, que transformam o contato com o sagrado num ato de celebração ao nascimento, manutenção da vida e contemplação a morte. Este

³⁸ Por Afonso Wargas, Tatetu ria Nkisi Otawogelesi, de Nkisi Nkosi, do Candomblé de Angola - RJ e Angelo Imbiriba.

povo entende a vida como consequência de forças maiores, fecundidade, manifestações da potência divina, portanto, somos todos **sujeitos** a tudo, e inclusive as consequências de nossas decisões e desejos que nos levam as nossas próprias enfermidades. Os bantu por isso acolhem diversas energias em prol do equilíbrio, entre forças divinas que inclui sacralização de espaços da natureza (tudo aquilo que está no mundo (árvores, encruzilhada, rios, montanhas, os astros, a chuva, etc.), de objetos e do próprio corpo como território do sagrado e centros de **irradiação** de forças vitais, como moradias de entidades, antepassados e ancestrais. Para o Africano Bantu viver em comunidade diz respeito aos vivos, aos mortos, aos reinos animais, vegetais e minerais. Os que morrem regressam a esses locais sagrados sobre outra perspectiva, são divinizados à antepassados, podendo, a partir de aí dar diretrizes, proteger os vivos. Para os bantu, a morte se constituía como uma viagem ou passagem à **kalunga** (lugar infinito ou sem volta, sinônimo de cemitério, oceano ou labirinto ou ainda alusão a **aldeia de aruanda**, o mesmo que **Luanda**, capital de Angola), por meio da qual todos se encontravam, uma vez que os antepassados continuavam unidos aos vivos, com a família sanguínea ou espiritual de iniciação. Muitos dos africanos escravizados na época da escravidão, com depressão, ou ainda, para não se submeter ao sistema que lhe oprimia suicidavam-se, pois, assim se desprendiam do corpo e voltariam a sua terra. Por mais que corpo enquanto matéria tornara desprovido de energia e movimento – o anime, a essência ou o que chamam de espírito e memória continuam em laço.

Kalunga ê Kalunga a
Kalunga aê
tá no reino de azenê
tá no reino de azenê
tá no reino de azenzala...”³⁹

O tempo e a rugosidade estão associados aos mais velhos, por isso são venerados, é dessa forma que eles são privilegiados na comunidade, porque há um equilíbrio entre forças diversas e o seu propósito na vida. Mas mesmo assim estão mais próximos do destino final de todos – morrer.

³⁹ Cantiga entoada durante ritos fúnebres nos Candomblé de Angola.

A morte, portanto, nessas culturas, é entendida como um rito de passagem, um trânsito, uma metamorfose, neste sentido, celebramos o Dia de Finados como um Mukondu (Ritual de celebração aos mortos), diferenciado de Ntambi pelos seus fundamentos e objetivos, este último relacionado a rito fúnebre. Em ambos os ritos dentro da casa de Santo, é dia de festa, no qual serão preparados pratos típicos da culinária ritualística do candomblé e pratos de preferência dos homenageados, é um ritual que poderá ser aberto ao público no último dia, também chamado comumente de **birê**. A duração do Ntambi varia entre 1 a 7 dias tocados, dependendo das diretrizes do oráculo (Ngombo) consultado.

Com a morte, todo iniciado tem direito a que sejam feitos os ritos propiciatórios que favorecerão condições de passagem da sua energia para um outro “estágio”, libertando dos assentamentos criados ou plantados na sua iniciação e ritos de passagem (obrigações de 1 a 21 anos). Se for um **Manganza** ou um **Muzenza** (sem obrigação de 7 anos), fazemos os rituais no corpo, e um ritual de “quebra” dos pertences pessoais, também chamado de “carrego do morto”.

Ntambi é o ritual onde utilizando-se a cabaça (mbinda) e potes de barro, sementes, bandeiras, pós, mpemba, moedas e muita bebida servida ritualisticamente para os participantes. Tocam-se as cantigas que servirão, para dar caminho ao Nvumbi, ajuda-lo na sua passagem de retorno. É importante lembrar sempre que é uma cerimônia exclusiva das pessoas que foram iniciadas.

A morte é certeza! É o destino comum a todos nós assim como o ar atmosférico, a terra, o nascimento, o Tempo e Nzambi Apungo – sua celebração faz parte de todo um sistema de crenças dentro e fora do continente africano. Dentro dos terreiros dizem que o Ntambi é um “grande” sacudimento realizado pelos vivos, em favor dos mortos, é um grande encaminhamento sobre o falecido (último rito de passagem) e posteriormente com celebrações ao morto sob outra perspectiva. Trata-se assim como as iniciações de um rito delicado com cantigas e rezas específicas que exige muito dos iniciados, participantes e de quem presida. Durante esses atos são necessários vários questionamentos como: quem e o que herda, o que fazer, o que ofertar, por que aconteceu, qual a ordem sequencial dos objetos, o que cantar, o que rezar, o que vestir, qual período de duração, quem faz ou executa e o que fazer depois de tudo.

Sr. Tempo: Nzala Tempo!

Os antepassados proibiram-nos de comer
feijões crus
Proverbio kongo

É Rei porque tem relação com aquilo que foge de nossos controles, tempo é sinônimo de algo infinito, de kalunga, é grande e imensurável tanto quanto o mar, o céu, é uma alternativa ao "aruanda", lugar de retorno é algo que sentimos, mas não vemos ou tocamos - onipresente, não há escolha, é compulsória. É implícito à ancestralidade. Tempo é o vento, é como as estações climáticas - tempestividades; batidas do coração (Muxima) - nós o temos e vivemos nele, pois ele mora em todo lugar!

Tempo não tem casa
Ele mora na Rua
Onde Mora Tempo meu Deus?
É no pé da cruz meu irmão".⁴⁰

Kitembu no candomblé de angola é também Rei, assentado aos pés de um mastro com uma bandeira branca trocada uma vez por ano. Símbolo de territorialidade, onde o povo de Jeje e Ketu levanta uma discussão de que o correlato de *Kitembu* nas outras nações é a divindade *Iroko* – é um debate que divide muitas opiniões em terreiros, pois é uma energia que tem relação com os Astros, é simbolizado por uma árvore alta e frondosa, é o culto à essa árvore e seu espírito, mas sua liturgia por exemplo difere do Sr. Tempo – este se veste de palha da costa e pano branco, sua cor é o verde claro ou verde rajado com cor de chumbo. É uma divindade que tem relação com trabalho, seus símbolos são ferramentas de trabalho como inchada e facão, bem como, a sua relação com o tempo – algo mais amplo do que a marcação de um simples relógio com 12 números. É o processo da vida na dinâmica de existir – nos tempos antigos vivia-se em torno dos fenômenos da natureza como o nascer e pôr do sol, o ciclo da lua, as chuvas, o vento principalmente, etc. eram os movimentos

⁴⁰ Cantiga de Kitembu, ritmo barravento no Candomblé de Angola.

climáticos que determinavam o modo de vida, por isso nas suas oferendas é farta de grãos pois o modo de sobrevivência dos povos bantu na sua maioria é a agricultura. Nós “angoleiros” sabemos que envelhecemos e é algo respeitado, imutável e admirado. Uma semente vira árvore, uma criança se torna mestre.

Na minha Aldeia Gira o Sol

Também Gira a Lua

Oh. Que Tempo é esse meu Deus⁴¹

Entende-se também que o **tempo** tem relação com as relações cíclicas da vida, como nascimento, iniciação, casamento e morte, de plantio, de caçar e de colheita; de ensinar e de aprender. Tempo de criança, puberdade, maturidade e rugosidade ou senilidade.

⁴¹ Cantiga de Nkisi Kitembu, ritmo Barravento, nos Candomblés de Angola.

Capítulo 4 Cobrindo a Ngoma

Hoje a gente vê um candomblé que se dizem e fazem angola, tocando e cantando. Porém com pensamento Yorubano (...)

(Tata Marcos Kiretaua).

O Angelo Imbiriba antes deste livro saía na rua de manhã para trabalhar e pedia a benção do Sol, das pessoas e do cachorro na feira, mas acreditava que candomblé se tratava somente dos muros do terreiro para dentro, pensava também que nossa tradição se resumia apenas a Nkisi ou Orixá para qualquer finalidade. A ideia de propósito, Nzambi, Nvumbi, Mutue, Corpo metafísico não era percebida de maneira consciente e sistematizada, eu não sabia diferenciar religião de tradição, antepassado de ancestral, Nkisi de Nvumbi ou ainda Nkisi de Òrìṣà, e sequer imaginava Candomblé como modo de vida, como tradição civilizatória mesmo crescendo e ouvindo dos mais velhos que uma vez “feito”, sempre “feito”.

O Angelo Kafunlumizo sempre se identificou enquanto negro e de terreiro, porém, não entendia o sentido político disso, e muito menos havia um propósito de vida que me levasse a concretizar uma relação Negro e iniciado para Nkisi, conhecia e sempre soube que era filho do Nkisi Kafunge, mas nunca me perguntei o que isso quer dizer ou o que fazer com isso.

Pois bem, estamos em 2018 onde o fluxo de informações é célere, líquido como se tenta segurar água com as mãos, em “ tempos líquidos “ como já dizia Zygmunt Bauman, essa banalidade ou ainda, alguns dizem promiscuidade leva a uma desordem das coisas, ou à ideia do “ tudo pode pois basta ter fé ”, **ignorar** tradição, memórias, sentidos, lógicas, valores e fundamentos que qualquer cultura ancestral como o caso do Candomblé tem, acaba por reduzir nossa tradição a uma mera ideia operacional e materialista – pois muitos se preocupam com a cor da pena do Galo, o modo de ofertar o galo e o que se pode conseguir com tal oferenda, porém devemos exaltar ou repensar nossas lógicas para um candomblé civilizatório enquanto projeto existencial. Modo e condição de vida em coletivo envolvendo vivos, mortos e natureza de maneira subjetiva/individual e institucional em todos os campos de saberes – um

candomblé que se preocupa com o cuidar do galo, com a cor da pena, a forma, e também, se necessário, oferta-lo. Reduzir nossa tradição para promiscuidade como caminho para o folclore é meta da colonialidade.

Precisamos descolonizar o nosso pensamento! Rever, repensar e questionar nossas lógicas, buscar lacunas que a escravidão nos deixou, ou nos construiu de maneira sistêmica por séculos, e nos reintegrarmos enquanto africano, aqui, mesmo na condição de descendentes, nos espelhamos em busca de perguntas e respostas. Foi assim que comecei a encontrar diferenças (no **sentido de me conscientizar** apenas, e nunca impugnar) entre cultura Africana Bantu e Sudanesa, em Brasil, ou ainda, Africana e Católica: Afrocatolicismo. Não devemos perder tempo censurando a subjetividade e crença do outro, mesmo que isso envolva valores de outras culturas como cristãs judaicas, mas sim nos conscientizarmos da origem e papel de cada signo em nossa cultura. Afinal de contas, a própria física e a química já nos dizem que não existe nada puro, buscar pureza no outro enquanto não temos em nós mesmos, mas sim buscar consciência do que somos, pois foram muitas armadilhas criadas para nos dividirmos.

Hoje se quisermos perpetuar nossa natureza e tradição, devemos repensar a forma que educamos nossos mais novos, nossas crianças, ndumbes e muzenzas para que um dia cresçam, envelheçam e plantem terreiros, mas que sejam **Terreiros Políticos** – como espaço de acolhimento e liderança comunitária patrimonialista – maioria das casas matrizes são locais de integração e afirmação africana comum a todos, onde se interage com a natureza e os antepassados através do canto e da dança, cada sujeito exerce papéis sócio-políticos na comunidade por meios de suas funções litúrgicas e papéis sociais. Em resumo, precisamos cada vez mais de Kambandu, kota ou Mametu, porém, se auto afirmando enquanto artistas, juristas, economistas, políticos, e seja qual for sua vocação/profissão, que sejam socialmente atuantes e afirmantes em nossa comunidade.

Devemos reconhecer Casa de Candomblé como fonte ancestral e cultural via Brasil – África. Muito do que se vê Brasil afora, principalmente em termos Bantu, desde o período colonial e pós-colonial não há mais rastros na África, ou seja, nós afrodiaspóricos aqui nessa terra temos o dever de preservar o patrimônio material e

imaterial que nos foi herdado, pois sem dúvida, aqui o propósito de nossos antepassados foi recriar, mesmo que simbolicamente, no mínimo, uma nova África.

Até os meus 21 anos de idade eu achava que podia ser negro e de terreiro somente nos espaços de culto, depois que passei a perceber outras formas de violência e suas estratégias para dizimar nossa cultura, mudei minha postura e decidi “sair do armário”, desde então, acredito que é crucial como tática, ter uma consciência política, artística, jurídica, acadêmica ancestral, viés para construção de uma identidade Africana no Brasil em todos os campos de saberes. Terreiros são locais de inspiração e fonte de conhecimentos para nos reorientarmos sociedade afora.

Nossa tradição é iniciática e ancestral, significa que há tempo e feitio para nascer e morrer. Esse processo todo perpassa por saberes ou grandezas de conhecimentos ancestrais, éticos e operacionais, resultando no que chamo de meios civilizatórios, reflexo do que pensamos e acreditamos no mundo, como Meio Ambiente (somos parte), Reencarnação (para Africano ter filho é sinal de vida plena, próspera e eterna), Suicídio (somente Nzambi tem essa autoridade de tirar vida de alguém, embora temos a livre escolha de ser e existir como também carregar o fardo das consequências), Punição (pela ética do “nós” ferir o outro é atingir a si próprio), Ética (pensar no outro e não esquecer de si mesmo), Inferno (não existe essa dicotomia nos terreiros – tudo é metafísico e está aqui entre nós mesmo), Maternidade (todos nós temos Pai, Mãe e corpo metafísico – mas ancestral uterino é premissa de viver), Aborto (ninguém tem o direito de tirar a vida de alguém, apenas o fenômeno da **morte** física), são estas e tantas outras indagações que toda civilização se dedicou a responder.

Para compreender um Terreiro é necessário percebê-lo como (multi) dimensional – uma folha, um chão, um fio de missangas, um animal, uma árvore, uma pedra, uma pintura, uma palha, um cheiro, um vento, um som, um grito – tudo tem motivo e propósito de existir. Ao entrar em um terreiro devemos olhar para o chão, para o lado e para cima – por isso o pensar e o silêncio (reflexivo) é condição existencial africana e afrodiaspórica, tendo como cenário o espaço, tempo e movimento.

Sabemos de onde viemos e ainda buscamos respostas sobre o que éramos. Repensar nosso modo de vida hoje é uma condição estratégica para garantir um amanhã. Apesar de negarem, nosso povo influenciou, ao longo de gerações, outros povos, pois temos arte, filosofia, liturgia e cosmologia, etc. Compreendemos quem é

Mutakalombo, Nkosi, Lembá, Matamba, Pambu Njila, etc. Mas o que isso influi em nossas vidas? Sabemos que eles caçam, pensam, guerreiam, contudo, qual a relação com o nosso dia a dia hoje? Qual o meu, o seu e o nosso propósito?

Eu vivo tanto isso
me dedico tanto para isso
que me tornei isso.

Artigo Póstumo

Por

Tata D`oxá

(Em memória)

O QUE É ORALIDADE

Como alguém nos dias de hoje sabe da existência de Deus? Seja lá de que forma e conceito se tenha dele. Como se acredita que Jesus viveu entre nós pobres mortais?

Enfim, como sabemos de acontecimentos ocorridos a mil ou dez mil anos atrás?

Em muitos casos, isso só foi possível por que uma pessoa fosse rica ou pobre, guardou dentro de seu cérebro informações que lhe foram passadas, de forma correta ou incorreta, isso não importa.

Nós praticantes de religiões afrodescendentes temos esse *modus operanti*, muito ligado a tudo que somos e a tudo que defendemos enquanto princípio de religiosidade.

Hoje, a modernidade faz uma certa diferença no quesito aprendizado, pois é mais fácil de se encontrar livros descrevendo a história dos povos da Mãe África, trazidos à revelia, e de forma cruel para servirem de animais de carga a uma população ciosa de desenvolvimento.

Esses povos foram, em sua maioria, proibidos de cultuarem seus deuses e antepassados. Foi-lhes impingida uma nova religião e mostrado um novo Deus. Deus esse que a tudo perdoava, só não lhes perdoava o fato de serem negros. Esses antepassados, que com muita sabedoria salvaguardaram os seus conceitos religiosos e culturais usaram, para isso, as armas que os próprios europeus lhes davam, ou seja, escondiam seus modelos religiosos, mascarando seus cultos ou sincretizando-se com os santos católicos que lhes foram mostrados como sendo os verdadeiros emissários divinos.

Atualmente, o que vemos por parte de uma minoria de praticantes dos cultos afrodescendente, seja ele de Angola, Ketu, Jêje, Ijexá ou até mesmo os de umbanda, é uma verdadeira batalha para defenestrar, desmoralizar e tornar de forma

sistematicamente inócua os conhecimentos orais de nossas formas de cultuar os deuses, que nos foram deixados como legado de nossa afirmativa religiosa.

Vemos pessoas que, verdadeiramente, não tiveram o prazer de ter ao seu lado como Pai ou Mãe zeladora uma pessoa que lhes depositasse sua confiança, de forma a oferecer e passar conhecimentos.

O conhecimento Oral é a base fundamental de todas as religiões afrodescendentes. Dizer que atualmente se deve buscar em livros esse conhecimento significa a verdadeira afirmação de sua falta de capacidade de ser filho, de ser uma pessoa confiável, de ser uma pessoa capacitada a ser um zelador de santo.

Essas pessoas, em sua maioria, são seres insignificantes, incapacitados e incompetentes no ponto de vista de conhecimento. Enfim, são lixo histórico do candomblé no Brasil!

Não se deve dar a essas pessoas credibilidade. São pessoas sem preparo espiritual, sem conhecimento, sem os básicos fundamentos de nossa religião, são aproveitadores, são pessoas que buscam através de embustes, enganar os incautos que os procuram nos momentos de desespero. São, o que chamamos comumente de pessoas feitas nas coxas. São criaturas feitas a peso de dinheiro, que usando dos recursos financeiros que dispõem compram cargos, fundamentos e até falsas heranças de raízes tradicionais, de outras pessoas, mas terminam vivendo uma glória efêmera. Todavia, muitos de seus semelhantes, que por um capricho do destino passaram por suas mãos. Vivem no contraponto, oscilam entre a miséria e necessidades sejam elas espiritual ou material. É assim que eles em sua maioria galgaram seus cominhos.

O meu conselho a essas pessoas é que se restrinjam as suas insignificâncias e se atenham a seus medíocres conceitos. Tenho certeza, no futuro, o caminho que trilham lhes trará reações adversas e se voltarão contra eles mesmos as forças dos nossos deuses.

A oralidade é, a meu ver, a base de nossa cultura. Foi através dela que, mesmo de formas muitas das vezes conflitantes, obtivemos a base do que somos como matiz religiosa.

Os cultos afrodescendentes no Brasil são como muitos não de concordar, uma intrincada teia de misturas e conceitos, fruto da intensa miscigenação de raças para aqui vindas da Mãe África. Sabe-se que em um mesmo espaço, as senzalas, se misturavam diversas culturas, uma vez que nossos antepassados religiosos, não eram olhados como RAÇA, mas eram vistos, como um BANDO, uma corriola de seres menores, seres que aos olhos da sociedade da época, eram indignos, seres perdidos que precisavam ser doutrinados para vir a significar alguma coisa no mundo daquela época e, em muitos casos, isso ainda hoje acontece. A eles era mostrado que apenas o Deus católico era o verdadeiro caminho, daquilo que lhes seria concedido como presente divino: suas almas.

Vê-se isso acontecendo mesmo hoje, principalmente com as ditas igrejas neopentecostais.

Retomando ao assunto principal. Causa-me estranheza o fato de uma pessoa, de cargo em minha nação afirmar que oralidade não é fundamento. O que seria então? Aos meus ouvidos isso soa como se toda a base da minha, e da instrução religiosa de muitos, nada significassem. Se for isso, teriam significado o quê? Foi uma brincadeira boba de quem os ensinou? Foi uma pandega religiosa que eles espalharam pelo Brasil todo? Tenham santa paciência. Essas pessoas, reafirmo, são uns coitados, são uns pobres de espírito que infelizmente não tiveram, e se tiveram, não souberam aproveitar, o momento maravilhoso que nos é dado pelos nossos Deuses “O de sentarmos e podermos conversar com um mais antigo”. Sentar com uma pessoa que traz em seus ombros uma gama de conhecimento enorme e, que, por uma triste imposição social, não tiveram, em muitos casos, a possibilidade de ter um ensino formal, mas obtiveram por parte de nossos deuses ancestrais a capacidade de assimilar conhecimentos dados por um de seus mais antigos, que da mesma forma aprenderam com um mais velho e assim por diante.

Tudo que lemos em livros foi, isso ninguém pode questionar, colhido de pessoas, que na grande maioria dos casos, nem mesmo os seus nomes sabiam rabiscar, quanto mais escrever suas doutrinas e modos religiosos.

Agora, se vem com essa ideia petulante de que elas nada valem. Isso me revolta e magoa! Muito do que sei aprendi foi em rodas de conversas, onde muitas vezes se diziam coisas que só fui ter o entendimento do que significavam algum tempo depois,

com o amadurecimento. Mas, talvez, eu seja uma das poucas exceções. Leio livros, não com a premissa de neles encontrar os preceitos dogmáticos de minha nação, mas sim em busca de subsídios aquilo que aprendi. Dizer-se que buscamos neles (livros), conhecimentos inerentes a nossa religião como forma definitiva de aprendizado é, a meu ver, um erro...

Angelo D'Oxá.

Tat'etu ty Nkisi - Nação Angola.

Referência bibliográfica

ALVES, M. Cristiane & JESUS, J.Pereira de; SCHOLZ, Danielle. **Paradigma da afrocentricidade e uma nova concepção de humanidade em saúde coletiva: reflexões sobre a relação entre saúde mental e racismo.** Revista SAÚDE DEBATE, Rio De Janeiro, V. 39, N. 106, P. 869-880, JUL-SET 2015.

BOTAS, Paulo. **Carne do sagrado – Edun Ara – devaneios sobre a espiritualidade dos Orixás.** Petrópolis: Vozes, 1996.

CÉSARIE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo**, publicando pela editora Sá da Costa em 1978, com prefácio de Mário de Andrade e tradução de Noémia de Sousa.

DOMINGOS, Luis Tomas. **A Visão Africana Em Relação À Natureza.** Anais Do Iii Encontro Nacional Do Gt História Das Religiões E Das Religiosidades – ANPUH - Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859.

HAMPATÉ BÂ, **Hamadou** – A tradição viva, em História Geral da África I. Metodologia e pré-história da África. Organizado por Joseph Ki-Zerbo. São Paulo, Ed. Ática/UNESCO, 1980.

_____. A noção de pessoa na África Negra. Tradução para uso didático de: HAMPATÉ BÂ, Amadou. La notion de personne en Afrique Noire. In: DIETERLEN, Germaine (ed.). La notion de personne en Afrique Noire. Paris: CNRS, 1981, p. 181 – 192, por Luiza Silva Porto Ramos e Kelvlin Ferreira Medeiros.

LEANDRO, Arthur; LAGO, Isabela & RODRIGUES, O.M. **Kiua Nangetu Poéticas Visuais de Resistência Negra**, Belém, 2015. Instituto nangetu.

LOPES, Carvalho (Trad.) **Ontologia Bantu O comportamento dos bantus – ele se concentra em um único valor: a força vital** Placide Tempels (1906-1977) (UNILAB) acesso link: <https://filosofiapop.com.br/wp-content/uploads/2017/04/Ontologia-Bantu.pdf>

LOPES, Nei. **Kitábu: O livro do saber e do espírito negro-africanos**, Rio De Janeiro: Senac Rio, 2005.

_____ **Bantos Males e Identidade Negra**. Ano: 1988. Editora: *Forense Universitária*.

NASCIMENTO, W. **Ensaios Filosóficos, Volume XIII – Sobre os candomblés como modo de vida: Imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis**. Agosto/2016.

_____ **Alimentação socializante: Notas acerca da experiência do pensamento tradicional africano**. Revista Das Quetões, número 2, 2015.

NGOENHA, Severino. **Das Independência às Liberdades**, [S/E]. Maputo: Paulinas, 2014

PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. **À flor da terra : o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro** Rio de Janeiro : Garamond : IPHAN, 2007. 208p. ;

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 73-117.

REIS, João José. **A Morte é Uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**, São Paulo, Cia. das Letras, 1991.

SANTOS, J. E. dos. **Os Nàgô e a morte: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia**. Trad. *Universidade Federal da Bahia*. 12.ed. Petrópolis: Vozes, 2007

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade – a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1988.

_____ **Pensar nagô**, ed. Petropolis, rj: vozes, 2017

VERGER, Pierre. **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos, dos séculos XVII a XIX**. São Paulo: Corrupio, 1987.

_____ **Orixás – na África e no Brasil**. Salvador: Corrupio, 1990.